



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FERNANDA CLÁUDIA PAES LIMA

**“BIOLOGIA DO ENCANTAMENTO”: DESPERTANDO O INTERESSE DOS
ALUNOS EM UM CURSINHO POPULAR DE FORTALEZA.**

FORTALEZA

2017

FERNANDA CLÁUDIA PAES LIMA

**“BIOLOGIA DO ENCANTAMENTO”: DESPERTANDO O INTERESSE DOS
ALUNOS EM UM CURSINHO POPULAR DE FORTALEZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em Biologia.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L698b Lima, Fernanda Cláudia Paes.
"Biologia do encantamento": despertando o interesse dos alunos em um cursinho popular de Fortaleza / Fernanda Cláudia Paes Lima. – 2017.
66 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Educação. 2. Ensino livre. 3. Ensino tradicional. 4. Currículo. 5. Cursinho popular. I. Título.

CDD 570

FERNANDA CLÁUDIA PAES LIMA

**“BIOLOGIA DO ENCANTAMENTO”: DESPERTANDO O INTERESSE DOS
ALUNOS EM UM CURSINHO POPULAR DE FORTALEZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção
do Título de Licenciado em Ciências
Biológicas.

Aprovada em: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. . Raphael Alves Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Nilson de Sousa Cardoso
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

Pela conclusão do presente trabalho, alguns agradecimentos são essenciais. Primeiramente, fora Temer. Opa, primeiramente, a Deus, ou como quisermos chamar essa Força que nos guia, e que sempre me iluminou muito, dando sabedoria, força e me colocando nos lugares certos, sempre.

Em segundo lugar, aos meus pais, que deram início a essa obra que sou eu, claro. Obrigada pela total entrega das vidas de vocês em prol da minha, pelos valores, as alegrias, as puxadas de orelha, por me construírem como ser humano, a cada dia, e, especialmente, por apoiarem minha graduação em Ciências Biológicas e comprarem meus sonhos. Mãe, você vai estar chorando desde muito antes de começar a ler esses agradecimentos, eu sei, se contenha. Ao meu irmão, Arthur, que me colocou nos agradecimentos dele, dizendo que eu sou um exemplo de determinação, então precisei mesmo concluir isso ou ele seria tido como mentiroso. Valeu, irmão, por tantas caronas e carões também.

Aos meus outros (e não menos amados e especiais) familiares, por estarem em minha vida, inspirando.

Ao André, meu companheiro, por sempre acreditar em mim, quando até eu pensava em desacreditar; por me colocar pra cima e ter o “vai dar certo” mais sincero que já ouvi.

Aos meus amigos de curso, sem os quais esses mais de 5 anos não teriam sido tão incríveis. Vocês foram a melhor turma que alguém poderia ter. Seja nas viagens de campo, nas aulas, nos descansos pós R.U ou nas provas, em que todo mundo ficava 500% mais parceiro (risos).

Aos meus demais amigos, do curso ou não, que, direta ou indiretamente, contribuíram com a concretização dessa graduação, seja me ajudando com os trabalhos de cálculo ou me chamando para sair quando eu não aguentava mais estudar.

Aos professores do Departamento de Biologia, nos quais eu tirei exemplos de tudo o que eu quero ser, mas do que não quero também. Obrigada.

E, por fim, a cereja do meu bolo, gostaria de agradecer (e, se pudesse, o faria todos os dias), ao meu orientador e “muso” inspirador, José Roberto Feitosa. Você, professor, foi uma das pessoas que mais me encorajou a entrar na licenciatura, a seguir firme. Nada teria sido o mesmo sem você. Me orgulho de entregar esse trabalho com o seu nome como orientador, obrigada por me ensinar a pensar além, a ousar e a ser autêntica em meu ofício.

Os agradecimentos se estenderiam por milhares de páginas, mas perderiam a graça e ninguém iria querer ler. Enfim, obrigada a você que está dedicando um tempo da sua vida lendo esse trabalho. Bom proveito!

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
transformam o mundo.” (Paulo Freire)

RESUMO

Uma das características da educação de nível superior, em nosso país, são as dificuldades de acesso, principalmente para alunos de escolas públicas. Várias iniciativas já foram tomadas pelo governo, com o intuito de promover maior acesso para alunos de escolas públicas, como o PROUNI e REUNI. Observando isso e se inquietando com essas questões de desigualdades, um grupo de alunos de graduação da Universidade Federal do Ceará se reuniu e teve a ideia de criar o cursinho popular Projeto Novo Vestibular. O PNV surge com a missão de auxiliar na formação humana de jovens e de adultos, não somente transmitindo o conteúdo requerido no vestibular, mas procurando despertar novos sentidos, auxiliando o pensamento crítico e inserindo-os em nossa sociedade. Nessa perspectiva, o professor tem autonomia em aspectos como a concepção da ementa de sua disciplina e na definição do cronograma que quer seguir e essa autonomia é um ponto muito positivo e de bastante êxito junto aos que dele participam. Assim, o presente trabalho objetiva analisar meu percurso de formação docente, evidenciando elementos que contribuíram para uma atuação crítica em sala de aula; conhecer a visão dos alunos do Projeto acerca do ensino recebido nas escolas onde concluíram o Ensino Médio comparando à proposta do ensino crítico, no sentido Freireano, que adoto como docente; evidenciar a compreensão desses alunos sobre a disciplina Biologia ministrada no ensino formal e a que eles vivenciam no Projeto e compreender se minha ação, como professora de Biologia neste Projeto, contribui para o aprendizado crítico e libertador. A abordagem metodológica utilizada para a elaboração do trabalho foi a de narrativa de experiências do vivido e, para a pesquisa, entrevistas qualitativas na forma de Grupo Focal, com alguns alunos do projeto, selecionados aleatoriamente, onde a interação entre os participantes é feita pelo moderador (entrevistador) e o objetivo estimular os entrevistados a falar e reagir. Percebe-se, com a finalização do trabalho, que muitos alunos ainda possuem uma visão tradicional do ensino de Biologia, mas, após alguns meses de estudo em uma metodologia de ensino livre, consegue pensar a matéria em questão de uma outra maneira, com outro olhar, enxergando-a sua importância em seu dia a dia. Constata-se, também, que a relação aluno-professora também foi de grande importância para que essa mudança no olhar e esse encantamento acontecessem.

Palavras-chave: Educação. Ensino Livre. Ensino Tradicional. Currículo. Cursinho Popular.

ABSTRACT

One of the characteristics of higher education, in our country, are the difficulties of access, especially for public school students. Many initiatives have been taken by the government aiming to provide greater access for public school students, such as the PROUNI and REUNI. Noting this and becoming concerned about these inequality issues, a group of undergraduation students from Federal University of Ceará got together and got the idea to create the popular course "Projeto Novo Vestibular". The PNV comes with the mission of assisting in human formation of young and adults, not only by transmitting content required in the entrance exam, but seeking to arouse new senses, helping the critical thinking and inserting them in our society. In this perspective, the teacher has autonomy in aspects such as the conception of the syllabus of his/her subject and in the definition of the schedule that he/she wants to follow and this autonomy is a very positive and very successful point with those who participate in it. Therefore, the present work aims to analyze my course of teaching formation, evidencing elements that contributed for a critical performance in classroom; get know the students' view of the Project about the education received in schools where they concluded high school, comparing to the purpose of critical education, in the Freirean sense that I adopt as a teacher; evidencing these students' comprehension about the Biology subject ministered in the formal teaching and in that experienced in the Project, and understand if my action as a Biology teacher in this Project contributes to their critical and liberator learning. The methodological approach used to develop this work was the narrative of experiences lived, and for the research, qualitative interviews in form of Focus Group were undertaken with a few students of the Project, randomly selected, where their interaction is made by a moderator (interviewer) and aims to stimulate the interviewed to speak and react. With the conclusion of this work, it is noticed that many students still have a traditional view of the Biology teaching; however, after a few months of studying in a free teaching methodology, they can think of the subject in another way, with another look, seeing its importance in everyday life. It is also observed that the pupil-teacher relationship was also of great importance for this change in look and enchantment to happen.

Key words: Education. Free teaching. Traditional teaching. Resumé. Popular course.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO: CURSINHOS POPULARES E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL | 01 |
| 1.2 | Como me insiro no Projeto Novo Vestibular | 02 |
| 2 | SOBRE O ENSINO | 04 |
| 2.1 | Educação Freireana | 11 |
| 3 | METODOLOGIA UTILIZADA | 13 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO | 16 |
| 4.1 | Minha trajetória como estudante de Ensino Médio e Cursinho | 16 |
| 4.2 | O que dizem os alunos do PNV nas entrevistas | 33 |
| 4.2.1 | <i>Sobre a relação Aluno-Projeto</i> | 34 |
| 4.2.2 | <i>Sobre a disciplina Biologia</i> | 43 |
| 4.2.3 | <i>Sobre a Professora</i> | 46 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES.FINAIS | 51 |
| | REFERÊNCIAS | 52 |
| | APÊNDICE A: Realização dos Grupos Focais com alunos do Projeto Novo Vestibular | 55 |

1 INTRODUÇÃO: Cursinhos populares e ensino não formal

Uma das características da educação de nível superior, em nosso país, são as dificuldades de acesso, principalmente para alunos de escolas públicas. Embora o número de vagas para ingresso tenha aumentado nas duas últimas décadas, ainda está longe de atender a todos ou, pelo menos, boa parte dos que desejam estudar em uma universidade pública. Ao longo dos anos, várias iniciativas foram tomadas pelo governo, com o intuito de promover, com maior facilidade, o acesso para alunos de escolas públicas, como o PROUNI (Programa Universidade para Todos), criado em 2004, assim como o REUNI em 2007, com o objetivo de aumentar as vagas nos cursos de graduação, contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais no país. Vale ressaltar que somente garantir o acesso sem auxiliar na permanência do aluno no ensino superior não significa que houve democratização do sistema (ZAGO, 2006).

Observando isso e se inquietando com essas questões de desigualdades, mais evidentes na década de 1980, pela falta de oportunidades, um grupo de alunos de diversos cursos de graduação (principalmente História) da Universidade Federal do Ceará (UFC), se reuniu e teve a ideia de criar um cursinho popular. Dessa forma, em 1986, surge o Projeto Novo Vestibular (PNV), na UFC.

A ideia central de um cursinho popular comum é auxiliar pessoas de baixa renda na aprendizagem e na preparação para o vestibular, facilitando o acesso através de mensalidades com baixos valores ou até mesmo sua isenção (BACCHETTO, 2003; BONFIM, 2003). A sociedade em que vivemos, cada vez mais, traz cobranças em relação à qualificação profissional, apesar da limitação de oportunidades equivalentes a todos. Desse modo, um cursinho popular poderia criar um espaço alternativo para o ingresso ao ensino superior (PEREIRA, 2007).

O PNV surge com uma preocupação ainda maior: a de ser um cursinho que segue o viés de auxiliar na formação humana dos jovens e dos adultos ali matriculados. Não somente transmitir o conteúdo requerido no vestibular, cumprir um cronograma determinado ou atingir alguma meta: é procurar despertar novos sentidos nos alunos, auxiliar o pensamento crítico, inserí-los ainda mais em nossa sociedade que, sabemos, muitas vezes exclui as pessoas de baixa renda, diminuindo suas oportunidades.

Seguindo esse caminho, o ensino em um cursinho como esses não poderia também seguir os moldes da escola regular. Na perspectiva do referido cursinho, o professor tem autonomia em diversos aspectos: na concepção da ementa de sua disciplina, na definição do cronograma que quer seguir, em elaborar seu plano de aula, o material que vai utilizar, já que este é produzido pelo próprio docente. É importante salientar que o professor possui autonomia e liberdade para realizar o seu trabalho, pois, uma vez que a prática docente é um tanto quanto imprevisível, ter domínio das situações de sala de aula o ajudarão a definir as situações e o seu próprio papel, pois como afirmam Santos e Duboc (2004), o ser professor requer sempre certo imprevisto e adaptações às situações novas que geralmente surgem, sem aviso. Para que isso funcione, é necessário que o docente tenha autonomia sobre seu trabalho e sobre suas atividades no espaço escolar em que está inserido. Somente o professor conhece tão bem os alunos e os conteúdos para poder trabalhar da melhor maneira com eles. Portanto, a autonomia dada aos professores do PNV continua sendo, desde sua criação, até hoje, um ponto muito positivo e de bastante êxito junto aos que dele participam.

1.2 Como me insiro no Projeto Novo Vestibular

Foi esse ensino livre do PNV que me motivou. A diferença é muito grande, quando comparado aos estágios que fiz e aos dois cursinhos nos quais estudei. Toda a autonomia que me foi dada permitiu a elaboração e reelaborações de minha própria forma de ministrar aula, sem precisar me moldar às ordens ou aos modelos do ensino tradicional. A esse estilo de aula dei o nome de Biologia do Encantamento, onde busco expandir as ideias dos alunos, desconstruir impressões antigas, trazidas de suas experiências anteriores, e assim, despertar o interesse pela Biologia. Em outros termos, procuro encantar e dar sentido e significado aos conteúdos curriculares dessa disciplina.

Portanto os objetivos, nesta pesquisa são:

1. Analisar o meu percurso de formação docente, evidenciando elementos que contribuíram para uma atuação crítica em sala de aula;
2. Conhecer a visão dos alunos do Projeto Novo Vestibular acerca do ensino recebido nas escolas onde concluíram o Ensino Médio comparando à proposta do ensino crítico, no sentido Freireano, que adoto como docente.

3. Evidenciar a compreensão desses alunos sobre a disciplina Biologia ministrada no ensino formal e a que eles vivenciam no Projeto.
4. Compreender se minha ação, como professora de Biologia neste Projeto, contribui para o aprendizado crítico e libertador.

Inicialmente, opto por fazer uma revisão de teorias curriculares tradicionais e críticas, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2015) e Demerval Saviani (2008), para facilitar a compreensão da minha ação docente, a partir da narrativa de experiência do vivido e também comparar com as percepções dos alunos que vivenciaram minhas aulas no Projeto Novo Vestibular.

2 SOBRE O ENSINO

Silva (2015) faz um estudo sobre teorias curriculares, evidenciando as principais perspectivas sobre currículo. Tomo inicialmente este autor para situar posteriormente minha ação em sala de aula. Utilizo também Saviani para compreender o contexto histórico em que formas de ensino são utilizadas para acabar ou diminuir as diversas formas de marginalização de pessoas de classes mais baixas.

Em 1918, Bobbit escreveu *The Curriculum*, um livro que foi o marco no estudo do currículo. O autor buscava responder questões sobre a finalidade da escola e da educação, com ideias conservadoras. Dizia, por exemplo, que a escola devia funcionar como qualquer outra empresa; que o sistema escolar deveria definir os resultados que desejava obter; que a instituição necessitava estabelecer métodos para alcançar isso, além de formas de avaliar se os resultados foram alcançados. Percebe-se que esse modelo estava voltado para a economia e para a produção de mão de obra.

Por ter uma proposta funcional, Bobbit teve grande influência na época, já que, com ela, a educação poderia se tornar científica. Para ele, não havia motivos de se discutir educação de maneira abstrata, uma vez que, o que interessava era colocar em prática na vida ocupacional adulta. Nessa perspectiva, o currículo é algo mecânico e técnico. Ele defendia a importância do estabelecimento de padrões, para que os educandos estivessem no mesmo nível de formação, uns iguais aos outros, como máquinas operando igualmente em fábricas.

Em 1949, Ralph Tyler lançou um livro que reforçava as ideias de Bobbit, mas abordou duas perspectivas deixadas de lado por ele: a filosofia social e educacional e a psicologia da aprendizagem. Tanto modelos tecnocráticos (de Bobbit e Tyler, por exemplo) quanto os mais progressistas, como de Dewey, que apareceram no final do século XX nos Estados Unidos, eram uma forma de reação aos currículos mais antigos, humanistas, que vinham dominando a educação há bastante tempo. No modelo antigo, o principal objetivo era introduzir os estudantes às artes, à literatura e ao domínio da linguagem.

Ambos os modelos (tecnocrático e progressista) iam contra o humanista, de alguma forma. O modelo tecnocrático, considerava inúteis os conhecimentos e as habilidades adquiridos no sistema clássico. Já o modelo progressista, considerava que esse currículo clássico se distanciava muito das necessidades e dos interesses de crianças e jovens, pois desconsiderava a psicologia infantil.

Esses modelos citados só foram possíveis graças a ampliação da escolarização em massa. A democratização dessa escolarização significou o fim do currículo clássico. Porém, os modelos tradicionais só foram contestados na década de 70, no movimento de “reconceptualização do currículo”.

Os anos 60 foram marcados por ondas de movimentos sociais em vários locais do mundo, assim, teorias foram surgindo, questionando a estrutura educacional tradicional e colocavam em questão o modo como a educação era feita.

Pela perspectiva de Althusser, podemos entender ideologia como o conjunto de crenças que possuímos para aceitar certas estruturas sociais. Assim, a escola pode transmitir sua ideologia através de seu currículo, seja por matérias mais “sociais”, como História e Geografia, ou, com disciplinas mais técnicas, como Ciências. A ideologia causa inclinações de submissão às classes subordinadas e de controle às classes dominantes.

Para Bourdieu e Passeron, a escola pode contribuir com o capitalismo através das relações sociais que se estabelecem lá dentro. A escola está toda centrada na classe dominante: na cultura, na linguagem, nos códigos. Para os jovens dessa classe, é fácil compreender, pois sempre estiveram inseridas nisso. No entanto, para os jovens da classe dominada, torna-se algo mais complicado, pois precisam se adaptar a um modelo no qual nunca estiveram inseridos. Como resultado, temos os jovens das classes dominantes indo bem na escola, uma vez que não passaram grandes dificuldades em questões de adaptação, mas os das classes dominadas fracassam nesse percurso, não conseguindo se adaptar, tendo sua cultura desvalorizada e, muitas vezes, perdendo sua identidade. Ou seja, basicamente a proposta de Bourdieu e Passeron era reproduzir, na escola das classes dominadas, uma cultura e um currículo apenas existentes nas classes dominantes.

No final dos anos 70 as ideias de currículo técnico já vinham perdendo bastante a força, devido a movimentos, em diversos países, que batiam de frente com essas concepções, bem como o surgimento de novas possibilidades para o currículo.

Nos Estados Unidos, as críticas aos modelos tradicionais se dividiram em dois lados: o dos conceitos marxistas, que atentava para a importância das estruturas econômicas e das políticas na reprodução cultural através da educação, olhando as experiências por um ângulo científico; e, do outro lado, estavam a fenomenologia e a hermenêutica, que valorizavam os significados subjetivos das experiências pedagógicas e curriculares dos educandos e levavam em consideração o social, a linguagem e as experiências.

Na concepção de fenomenologia, percebe-se a busca por colocar em dúvida os significados que nos são impostos e se foca nas experiências vividas e na subjetividade delas. É a mais radical das perspectivas críticas. Não vê sentido na divisão do currículo em matérias, pois não estão ligadas às experiências. Acredita que a educação não deve ser engessada e imposta, mas questionada, gerando liberdade entre educadores e aprendizes. Ou seja, no currículo tradicional, os educandos adotavam atitudes tidas como científicas, nas disciplinas acadêmicas, já na fenomenologia, o currículo encoraja os educandos a aprenderem através de suas próprias experiências de vida.

A atitude fenomenológica pede que se adotem temas, esses podendo estar diretamente ligados a acontecimentos do cotidiano. Embora alguns temas pareçam banais, por seu teor supostamente pouco científico, a fenomenologia busca exatamente torná-los importantes, cheios de significados.

De acordo com a crítica marxista, o capitalismo controla os setores de nossa sociedade, inclusive a educação, que tem ligação direta com a economia. No entanto, para Apple, o que ocorre na educação não é de inteira responsabilidade da economia.

Para ele, os componentes do currículo são reflexos dos interesses das classes dominantes, e se preocupa com o “porque” de determinados conhecimentos estarem no currículo e outros, não.

A escola tem importante papel na produção do conhecimento técnico, se relacionando com a sociedade capitalista: precisa oferecer um conhecimento relevante para a produção e para a economia. Embora, no final das contas, essa produção só ocorra nos níveis superiores de educação, há uma pressão para que o currículo da escola se molde e prepare os educandos para o que irão receber na universidade. Dessa maneira, esse conhecimento é o que passa a ter prestígio, em detrimento, por exemplo, das artes, que não terão tanta serventia para a vida profissional, futuramente.

Henry Giroux elabora uma crítica em torno da racionalidade técnica e utilitária sobre o currículo. Ao se centrarem, apenas, na eficiência burocrática, os dominantes acabam deixando de lado outros aspectos, como as relações humanas e sociais, contribuindo para a existência de desigualdades sociais. Ele não estava satisfeito com as teorias dominantes em sua época e, inicialmente, se concentrou em elaborar uma crítica a esses modelos (como às perspectivas mecanicistas, que não abriam espaço para as ações humanas), bem como dar alternativas para superar as falhas que encontrava.

Antes de desenvolver, de fato, sua teoria, esteve preocupado em dar alternativas ao que era sugerido pelas teorias de reprodução. É quando ele fala em “pedagogia da possibilidade”, uma vez que as teorias de reprodução eram pessimistas e imobilistas. Ele dizia que a escola poderia tomar medidas a fim de ir contra o domínio e o poder e que deveria haver um lugar para oposição.

Ele foi bastante influenciado por Paul Willis, que, insatisfeito com as teorias da reprodução e seu determinismo social, se questionava sobre o motivo pelo qual jovens de classe operária escolhiam, voluntariamente, trabalhos “de classe operária”. Após diversos estudos, conclui que essa “ordem” é criada pela cultura, principalmente quando essa reforça, positivamente, a imagem do jovem operário, másculo, forte, trabalhando em fábricas, como algo que dignifica a figura masculina e deve ser seguido. Willis acredita que isso poderia ser convertido para uma resistência politicamente informada.

Para Giroux, é possível direcionar a resistência de professores e alunos para a criação de um currículo e de uma pedagogia que não aceitem facilmente

submissão e poder. Seria através disso que as pessoas poderiam sentir-se libertas e emancipadas.

A escola e o currículo devem funcionar como uma esfera pública democrática, ou seja, os estudantes devem ter espaço e liberdade de exercer habilidades democráticas, como discussões e debates e os professores devem ser pessoas envolvidas de maneira ativa nessas atividades de questionamentos, uma vez que são intelectuais transformadores. Além disso, os estudantes devem ter voz, suas necessidades e seus anseios devem ser ouvidos e considerados, dando, assim, maior poder a eles.

Paulo Freire, em seus trabalhos, não elaborou uma teoria específica sobre currículo. Sua maior preocupação foi responder a seguinte pergunta: o que ensinar? Seu livro *Pedagogia do Oprimido* é o que melhor representa o pensamento pelo qual ficou conhecido, trazendo uma análise filosófica. Ele não se contenta apenas em mostrar como a educação e a pedagogia são, mas como deveriam ser.

Sua grande crítica ao currículo está resumida no conceito de “educação bancária”, que significa uma visão em que o conhecimento é apenas um produto que deve ser passado do professor para o aluno, como em uma transação bancária, por exemplo, em um depósito. Freire também chama atenção para o caráter narrativo e verbalista do currículo tradicional: o educador tem um papel ativo e o educando fica como mero receptor de informações e conteúdos.

Ele traz o conceito de “educação problematizadora”, contrapondo a educação bancária. Aqui, o ato de conhecer é ressignificado e quer dizer tornar existente, o mundo, para a consciência. Esse ato é feito entre os homens, mostrando que a educação é dialógica e todos os sujeitos envolvidos fazem parte da construção daquele conhecimento. Já na educação bancária, o diálogo não é necessário, já que apenas o professor tem o papel de transpor os conteúdos, a comunicação é unilateral, o professor é detentor de todo o conhecimento e o aluno, em sua ignorância, deve estar pronto para ouvir e absorver.

Para Freire, é a experiência dos próprios educandos que vai determinar os temas significativos ou geradores a construírem o currículo. Em *Pedagogia do Oprimido* (1987), ele fala que o conteúdo programático é uma devolução

sistematizada, ao povo, daqueles elementos que foram entregues de maneira desestruturada, no conhecimento empírico.

Saviani (2008) fala de algumas pedagogias, suas visões sobre a educação e a marginalização dos estudantes. A seguir, abordarei algumas delas, explicando brevemente do que tratam e como sugerem que o problema da marginalização seja sanando ou erradicado.

Pedagogia Tradicional:

Os Sistemas Nacionais de Ensino surgiram em meados do século XIX, com a ideia burguesa de que a educação seria para todos e o Estado devia tomar conta disso. Apenas com a educação, “vencendo a barreira da ignorância”, seria possível a sociedade acender e ser livre.

Nessa nova sociedade, aquele ignorante seria marginalizado, então a escola teria o papel de “cura” para essas pessoas. Essa escola seria centrada no professor, que passaria os conhecimentos aos alunos. Havia uma divisão em níveis, chamados de séries, onde as pessoas se encaixavam de acordo com o quanto já sabiam.

No entanto, essa escola não obteve tanto sucesso, a partir de determinado período, uma vez que nem todos conseguiam ingressar nela e, muitas vezes, os que ingressavam, não concluíam os estudos realmente preparados. Começaram a surgir os críticos desse modelo, que o denominaram de Escola Tradicional.

A Pedagogia Nova:

Com as críticas ao modelo de Escola Tradicional, uma nova teoria foi surgindo, mas ainda acreditando no poder da escola de corrigir a marginalização. Surge o movimento do “escolanovismo”, ou Pedagogia Nova, que criticava a Escola Tradicional e mostrava como poderia fazer diferente.

Essa nova teoria dizia que o marginalizado não é apenas alguém ignorante e sem escolaridade, mas alguém rejeitado. Após estudos comprovarem que o homem é único e singular, essa pedagogia se apoiou no trabalho individualizado, aceitando e trabalhando com as particularidades dos seres.

Marginalizados seriam os não adaptados aos modelos impostos pela sociedade. A escola conseguiria corrigir a marginalidade incluindo os marginalizados na sociedade, ajudando-os a serem aceitos e respeitados.

Esse modo de ver e fazer a educação agora se centrava no psicológico, no aluno e na individualidade. Parecia uma questão mais social do que lógica. O importante não era passar um conhecimento, mas desenvolver métodos para que esse conhecimento fosse, de fato, absorvido, aprender a aprender.

Para funcionar assim, a escola deveria sofrer uma reformulação. Agora, o papel do professor era de orientador e estimulador, e não mais de centro do ensino. “A feição das escolas mudaria seu aspecto sombrio, disciplinado, silencioso e de paredes opacas, assumindo um ar alegre, movimentado, barulhento e multicolorido”.

Esse modelo não teve seu efeito desejado, principalmente pelo alto custo que requeria, mas plantou uma semente nas cabeças dos educadores, gerando mudanças também em algumas escolas tradicionais.

Pedagogia Tecnicista:

Busca tornar o processo educativo operacional e objetivo, além de organizar a educação de modo que fugisse de interferências e, para isso, o processo deveria ficar mais mecânico. Foi assim que surgiram propostas pedagógicas mais práticas, que facilitassem o acesso, como o telensino e as máquinas de ensinar. Nesse caso, professor e aluno ficam em segundo plano e o elemento principal é a organização dos meios. É o processo que define o que, como e quando professores e alunos irão operar.

Para esse tipo de pedagogia, marginalizado não é o ignorante, mas o inoperante, o improdutivo. A educação superaria a marginalidade instrumentalizando o aluno para poder se tornar produtivo e eficiente, pois o importante é prender a fazer.

Há também um segundo grupo de teorias, as Crítico-Reprodutivistas, que defendem a impossibilidade de entender a educação independente de seus condicionantes sociais. Educação e sociedade estão ligadas, são dependentes e a

função da educação é exatamente de reproduzir a sociedade na qual está inserida e reforçar o modo de produção capitalista.

2.1 Educação Freireana

No contexto em que vivemos, a educação tem sido vista como uma espécie de formação de capital humano: puramente para atender à Economia. Pensar em um modelo educacional oposto a isso, que visa as necessidades dos excluídos requer muito trabalho e estudo (MACIEL, 2011).

Assim, falamos em Educação Popular e, conseqüentemente, em Paulo Freire, que trouxe reflexões muito importantes sobre aqueles que são excluídos de nossa sociedade capitalista. Entendendo as classes populares como tendo seu saber desvalorizado, ele enfatiza a importância de se buscar uma educação que reconheça e valorize o conhecimento do povo, com leitura da realidade do oprimido, que não se restrinja só aos livros, mas constitua as relações sociais (MACIEL, 2011).

Paulo Freire foi um educador e militante brasileiro que influenciou a pedagogia crítica e teve a vida e a carreira baseadas em construir uma educação libertadora. Sua proposta vinha do pressuposto de que a educação devia ser problematizadora, envolvendo a dialogicidade, a escuta e a socialização entre educadores e educandos (em uma relação de interdependência) e, gerando troca de saberes (SANTOS, MACENA; SILVA, 2004).

A pedagogia freireana é síntese da teorização implícita na prática de Educação Popular. Ela traz a consideração do conhecimento como possibilidade de superação de relações verticais contraditórias e de modelos mecanicistas de análise da realidade social e implantação de novas propostas que indiquem esperança e a necessidade de mudança. (MACIEL, 2011, p.337).

Ele se dirigia às minorias e defendia que o diálogo libertador (crítico) precisa ser feito com os oprimidos, que precisam se reconhecer como homens e mulheres históricos, a fim de uma emancipação social.

Até o momento em que os oprimidos não tornem consciência das razões de seu estado de opressão, “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua convivência com o regime opressor. (FREIRE, 1987, p. 29).

Na dialogicidade, o educador sempre se pergunta sobre o que vai dialogar com o educandos. Já na educação bancária e sua antidialogicidade, a preocupação do educador é apenas a respeito do programa sobre o qual falará a seus alunos. Para o educador- educando dialógico, o conteúdo não é uma imposição, com várias informações a serem despejadas sobre os alunos, mas uma revolução organizadas dos elementos a serem conversados. (FREIRE, 1994, p. 47)

3 METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia utilizada para a elaboração do presente trabalho é a de narrativa de experiências do vivido, uma vez que a pesquisa se baseia em situações vividas por mim, que auxiliam em minha formação docente. Segundo Lima e Geraldi (2015), esse tipo de relato e pesquisas apenas existe porque houve uma experiência significativa na vida do pesquisador, o que torna o tema um objeto de maior compreensão para ele.

Acontece da seguinte forma: o pesquisador, baseado em algumas experiências, as narra e, em cima do relato, retira as lições que servem como conhecimento, fundamentando em estudos teóricos. Diferente da narrativa puramente autobiográfica, o objeto central aqui não é o sujeito, mas as suas histórias e experiências (LIMA; GERALDI, 2015).

Ao pensar em como a pesquisa seria feita, visualizei um espaço em que pudesse dialogar com os entrevistados, onde pudéssemos partilhar experiências e impressões. Assim, a primeira ideia foi fazer uma pesquisa qualitativa, que é largamente utilizada como metodologia nas ciências sociais. Para Robert Farr (1982) essa técnica serve para descobrir os diversos pontos de vista sobre determinado fato, além das do mediador da entrevista, uma vez que as respostas podem ser amplas. A entrevista qualitativa foi importante para esse tipo de trabalho pois ela fornece dados básicos para compreender como se relacionam os entrevistados com as situações colocadas (GASKEL, 2015).

Foi selecionado o tópico guia, que era, exatamente, entender as impressões dos alunos sobre o Projeto e as aulas da disciplina de Biologia. O tópico guia, como o próprio nome diz, é uma espécie de lembrete ou esquema, que ajudará a guiar o entrevistador e a puxar demais temas que venham a surgir ao longo do percurso. Ele fornecerá uma progressão lógica e plausível através dos temas e deve ser apresentado com uma linguagem fácil e simples (GASKEL, 2015).

Obviamente, mesmo com esse tópico bem determinado, ele não deve ser o centro das atenções muito menos o entrevistador deve se prender a ele: caso venham a aparecer outros pontos pertinentes, que somarão ao andamento da

entrevista, o entrevistador pode, sim, atentar para eles, mesmo que pareça fugir um pouco do tópico guia.

Em seguida, foi decidido realizar essas entrevistas qualitativas na forma de Grupo Focal, onde a interação entre os participantes é feita pelo moderador (entrevistador) e o objetivo estimular os entrevistados a falar e reagir, se possível, ao que os demais falam e pensam, sendo uma técnica mais autêntica. Essa decisão se baseou no conhecimento acerca do perfil dos alunos do Projeto, que sempre possuem muitas opiniões e compartilham com os professores e a coordenação.

Após isso, foi feita a seleção dos entrevistados. A fim de procurar um resultado mais imparcial possível e sem opiniões da entrevistadora, foi passado em cada sala do Projeto Novo Vestibular, dentre turmas de Extensivo (que duram todo o ano letivo) e Intensivo (que funcionam apenas no segundo semestre do ano), fazendo um convite aos alunos. Expliquei que estava concluindo minha graduação e precisava da ajuda deles para realizar a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão. Disse apenas que seria uma tarde de conversa, marquei o local, as datas, a hora e pedi que aparecessem. A seleção não foi feita pontualmente, aluno por aluno, para não correr risco de escolher aqueles que poderiam ter opiniões tendenciosas sobre o tema.

Assim, tive o total de 10 alunos participando da pesquisa. Em uma pesquisa, o número de entrevistados irá variar de acordo com a natureza do tema abordado. Mais entrevistas não, necessariamente, irão melhorar os resultados, já que há um número limitado de versões e interpretações da realidade. (GASKEL, 2015)

No momento do encontro, recebi os alunos em uma sala onde eles costumam assistir aula. Organizei as carteiras em círculo a fim de podermos nos ver melhor, durante a conversa e iniciei. Expliquei no que consistia meu trabalho, o que era um grupo focal e como eles poderiam me ajudar. Pedi permissão para gravar a conversa em áudio e garanti que, em momento algum, seus nomes seriam divulgados.

Feito isso, comecei as perguntas, que foram diversas, mas todas centradas nas vivências dos alunos nas suas escolas de ensino médio e no PNV. O

tópico guia era entender quais as impressões desses estudantes acerca do Projeto Novo Vestibular, que tem um modelo de ensino livre, e sua formação recebida no ensino médio, com um ensino provavelmente mais tradicional; como foi a sua disciplina Biologia na escola e como percebiam as aulas da mesma disciplina, ministrada por mim, no PNV . A conversa seguiu, sendo gravada em áudio e, em um segundo momento, foi pedido que eles respondessem, de forma aberta, através de desenhos, esquemas ou texto corrido algumas perguntas. Foram distribuídas folhas de papel em branco e, em um lado, responderiam coisas sobre a Biologia e, no outro lado, sobre o PNV.

Lado 1:

Qual a importância da Biologia para você?

Você percebe diferenças entre a abordagem feita no PNV e no colégio em que estudaram/estudam?

Fale o que você acha sobre as aulas da professora Fernanda.

Lado 2:

Quais as diferenças que você consegue perceber entre o PNV, como um todo, e o outro colégio em que você estudou/estuda?

Foi dado um tempo de 10 minutos e, em seguida, recolhi os papéis para posterior leitura e análise. Assim, finalizamos o grupo focal.

Para a tabulação e interpretação das respostas, li todos os papéis escritos pelos alunos, atribuindo nomes fictícios para cada um, a fim de facilitar na hora de me referir às suas falas. Em seguida, transcrevi as quase duas horas em entrevista em áudio, utilizando as próprias palavras e gírias dos alunos. Observei quais ideias apareciam com maior frequência e as coloquei em categorias para posteriores análise e discussão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Minha trajetória como estudante de Ensino Médio e Cursinho

Desde criança somos acostumados a ouvir (e responder) a seguinte pergunta: o que você quer ser quando crescer? As respostas podem ser as mais variadas possíveis. Médica, bailarina, astronauta, cantora, atriz. O fato é que, desde muito pequenos, já começamos, mesmo que das formas mais lúdicas possíveis, a imaginar um futuro (antes mesmo de entender o que é futuro).

Com isso, vamos à escola, realizamos provas, apresentamos trabalhos em equipe.

Sempre estudei nas escolas mais conhecidas da cidade de Fortaleza. “As melhores escolas”, que puxam mais no conteúdo, que têm um disciplinamento admirável (questionável) e que, principalmente, preparam você para o vestibular.

Na 5ª série, saí de uma escola com uma proposta pedagógica construtivista, pela qual tenho real amor até hoje, pois meus pais começaram a se preocupar com as exigências da sociedade, com minha preparação pra essa tão temida prova. Eles temiam que lá eu não receberia o devido preparo para tentar vestibular anos depois, uma vez que o foco da escola não era esse. Já no novo colégio, conhecido em toda a cidade, a promessa era transformar os alunos em “*alunos completos*”. Assim, a partir dos 11 anos, só estudei em escolas que possuíam essa preocupação com o vestibular. Me dediquei, me empenhei. Tirei muitas notas baixas, pois demorei a me adaptar ao novo modelo de ensino. Fiquei de recuperação também... porém sempre fui boa aluna, pela dedicação e responsabilidade, mas nem sempre conseguia atingir as notas esperadas.

O ensino médio chegou e, com ele, já bastante pressão. As siglas UFC e UECE nunca foram tão ouvidas. Era quase um mantra. “Passo porque posso. Passo porque sei”. “Aluno completo”. Essas frases também eram quase como o meu escudo para enfrentar o vestibular.

No 2º ano do Ensino Médio, decidi, após pensar muito e fazer testes vocacionais, que queria prestar vestibular para Psicologia. E aquilo virou minha

motivação ou sonho. Seria por aquilo que eu iria empenhar todos os meus estudos, a partir daquele momento.

Então, no 3º ano, decidi mudar de colégio. O Colégio onde eu estudava também estava dentro dessas “potências” de nossa cidade. Eu estava lá há 3 anos e bastante adaptada. Conhecia os professores, a coordenação, os funcionários, tinha um grupo de amigos bem consolidado e maravilhoso. Porém, havia um colégio onde eu achava que seria “melhor preparada” para o vestibular... e mesmo que fazer essa mudança me custasse sair totalmente de minha zona de conforto, de perto dos meus amigos e daquele ambiente que eu já estava tão acostumada, eu aceitei o desafio e mudei.

Para ingressar como aluna da escola, precisaria fazer uma entrevista com o diretor. Então fui. Na sala de espera, revistas com notícias da escola. Banners mostrando as aprovações dos anos anteriores. Um índice altíssimo. Cada vez mais eu tinha a certeza de que a aprovação estava pertinho de mim. Já podia me ver na UFC no ano seguinte. Após fazer uma entrevista, onde me foram perguntados diversos aspectos importantíssimos da minha vida, como o “curso que eu pretendia escolher na Universidade”, recebi um desconto e pude me matricular. Saí da sala bastante animada, já vestindo a ideia da escola e sentindo que aquele seria o meu ano.

Eu me sentia uma pessoa afortunada. Ter tido a sorte de conseguir um bom desconto num colégio como aqueles, que aprova muitas pessoas na UFC, era carimbar meu passaporte de entrada no que, desde um tempo, havia se tornado meu sonho. Aulas de específica, que aprofundavam os assuntos dentro das disciplinas presentes na segunda fase do vestibular, equipe docente com grande experiência na preparação para essas provas, carga horária de aulas bastante elevada, aulões, provas, provas e mais provas. Receita certa para o sucesso.

Então, em janeiro de 2009, fui para minha primeira aula do 3º ano. Colégio novo, farda nova, pessoas novas... Nunca fui o tipo de pessoa que gosta de ficar sozinha. Mas, quando batia a tristeza, eu pensava “*foca no vestibular. Pensa que agora você tem menos distrações*”. Mesmo com isso, o “PRIMEIRO DIA DE AULA” sempre me encantou muito. Ver as pessoas se reencontrando, utilizar seu material novo, toda aquela apresentação. Os professores perguntando como foram

as férias, conversando sobre tudo... era isso que eu esperava. Então começou a primeira aula. Português, se não me engano. E... conteúdo. “Pera, mas já? E a parte que a gente se apresenta? E falar sobre as férias?” Pensei. E aí meu primeiro choque de realidade, com meus pensamentos aflorando: “querida, você está no 3º ano. TER-CEI-RO A-NO. Não tem mais tempo a perder com essas coisas. Você precisa revisar/aprender as matérias de todos os seus anos escolares até agora. Sua prova é em novembro! Então tá. Respira e presta atenção na aula”.

As aulas seguiram todas no mesmo formato, como já era esperado. Conteúdo, conteúdo, exercício na apostila, fim. Até que chegou a hora do recreio. E bateu o desespero: com quem eu vou ficar nesse recreio, se não conheço ninguém? Meu irmão fazia cursinho no mesmo colégio, mas ele e os amigos podiam sair para lanchar na rua, porque eram alunos do cursinho, então acabei ficando só. E o dia estava nublado. Tristeza. Por uns momentos pensei “que diabos eu fiz?”. Mas quando pensava que, no fim do ano, minha aprovação seria a recompensa, parecia valer a pena.

E assim seguiram meus primeiros dias de aula. Fui me adaptando aos novos professores, às novas regras e às novas pessoas. Nos intervalos, ficava no parapeito da escola, com o celular no ouvido, fingindo que estava conversando com alguém, para que ninguém notasse o quanto eu estava sozinha.

Até que fui me aproximando de algumas pessoas e, com um tempinho, nos tornamos amigos. Aquilo aliviou bastante a tensão que eu sentia da hora que entrava no colégio até a hora de pegar o ônibus para ir pra casa.

E assim o ano foi passando. Eu realmente aprendi a gostar do colégio. O problema era o ritmo. Frenético demais. Foco total no vestibular. Aulas normais de manhã, plantão tira dúvidas pela tarde (que as vezes eu até ia, mas só conseguia dormir), específicas em dias separados e simulado obrigatório toda 2ª feira a noite, afinal, tínhamos que ter uma nota também para concluir o 3º ano.

Os primeiros meses são grande dedicação. A empolgação te dá energia pra seguir. Porém, com o passar dos meses, as coisas começam a ficar muito cansativas. Mas chegaram as férias! Descansar, praia, cinema, festinha... só que não. O colégio oferecia um curso de férias por matérias, para quem quisesse. O

valor era pago a parte e você não era obrigado pela escola a fazer. Mas todo mundo fazia. Sinceramente, eu queria tudo menos estar na escola nas férias, mas como eu poderia ficar em casa, assistindo Friends e lendo Harry Potter, com os meus **concorrentes** assistindo aula? Eu não podia ficar pra trás, afinal, já era julho e a prova seria em novembro. Então, mesmo cansada, pedi a minha mãe para pagar o curso para mim e ela topou.

Fiz o curso de férias e me sobraram, mais ou menos, 10 dias de descanso. Nesses 10 dias, confesso, não peguei em uma apostilar sequer. Mas eu sentia que merecia aquele pequeno descanso, afinal, o 2º semestre seria ainda mais rigoroso.

Então, recomeçaram as aulas. Primeiro dia de aula do 2º semestre, você volta com gás total, afinal teve 1 mês inteiro pra descansar e recarregar as energias, verdade? Mentira. Esse primeiro dia de aula foi tão cansativo, que não parecia que tinha tido férias. Mas precisava ter foco e é nesse momento que a gente inventa disposição onde não tem.

As aulas seguiram e eu me sentia cada vez mais cansada. O velho “sem saco”. É quando você começa a se esconder no banheiro pra não precisar assistir aquela aula de matemática. Sim, se esconder no banheiro, porque uma das obrigações do aluno é assistir a TODAS as aulas, independente de cansaço, sono, estado de espírito ou o que fosse. Então você pedia permissão ao professor para sair e beber água, e só voltava na aula seguinte (se escondendo do fiscal de corredor, claro).

O semestre seguiu e comecei a me sentir numa panela de pressão. Houve um dia, uma das primeiras vezes no ano, em que me senti derrotada e pensei que, talvez, a UFC não estivesse, assim, tão próxima: o colégio tinha uma tradição de prestigiar alunos que tiveram um crescimento no desempenho de notas. Eles observavam o quanto as suas notas melhoraram ao longo do ano, até aquele momento, e os alunos com maiores índices de melhora eram reconhecidos. O coordenador ia na sala, falava os nomes, pedia palmas, chamava os alunos na frente e cada uma recebia uma camisa, com o desenho de um bonequinho subindo uma escadinha. Enquanto isso, os alunos que não tinham os nomes chamados apenas sorriam e aplaudiam. Eu esperava que o meu nome fosse chamado, mas

não foi. Aplaudi, sorri e depois quis correr pro banheiro e chorar. Não só porque não fui chamada, mas porque uma das pessoas chamadas queria o mesmo curso que eu. Era uma concorrente em potencial. E era minha amiga. Mas tudo bem, ainda tem cerca de dois meses pela frente, vai dar certo.

Com o fim do ano letivo e o vestibular se aproximando, o ritmo de aulas se intensificou dez vezes mais. Passei a ficar o dia inteiro no colégio sempre que podia. Assistia aula de manhã, de tarde e ia para a específica a noite. Laboratório de redação quase todos os dias. Pegava todo o material de apoio, com exercícios extras que a escola possuía. O problema era que eu apenas assistia aula. Não conseguia estudar mais nada que não fossem as minhas específicas (biologia e história) e que eu gostava demais. Meu desempenho nos simulados era sempre o mesmo. Me confortava saber que, com o número de questões que costumava acertar, na UFC eu tinha grandes chances de ser aprovada, mas eu queria mais, queria ter uma segurança maior, por isso me apeguei tanto a essas aulas.

A ansiedade foi chegando e, com ela, quilos a mais, pois canalizava essa ansiedade na comida. Além disso, meu cabelo começou a cair desesperadamente. Sentia dores estomacais todos os dias. E as palpitações no coração que, por um tempo, nem ousava comentar com minha mãe.

Até que chegou o tão esperado dia da primeira fase. Caneta, água e lanche. Sai de casa cedo, pra não perder a hora da prova. Confere os documentos. Relembra aquelas fórmulas. Me sentia muito confiante e muito preparada também. Fiz a prova um pouco nervosa, claro, mas ciente de que tinha me esforçado o ano inteiro e que daria certo.

Fim da prova, dever cumprido. Não. Ainda havia um longo caminho até a 2ª fase, com as provas específicas. Eu não sabia, na verdade, se conseguiria passar para essa fase, mas não podia perder tempo e, dois dias depois, já estava estudando e fazendo redação.

Nas aulas de específicas as turmas acabam se juntando, bem como o cursinho, de acordo com as matérias escolhidas. Nessas aulas eu via pessoas tentando vestibular pela 2ª, 3ª, 5ª, 10ª vez. Na verdade, essas que já tentavam há

muitos anos não eram da minha sala, pois tentavam para Medicina, que, como Direito, tinham uma turma especial, só para eles.

O resultado da 1ª fase saiu e foi positivo: aprovada. Chorei, gritei, fiquei muito feliz, pois, para mim, aquilo era o mais difícil. A fase das específicas e da redação com certeza seriam ótimas para mim, pois eu era muito boa naquilo. Frequentei as aulas, me empenhei e, chegado o dia, fui fazer a prova, extremamente confiante. Ao final, me senti segura e sabendo que havia feito boas provas de Biologia e Redação. História havia sido um pouco mais difícil, porém era uma prova na qual as médias nunca eram muito altas, então sosseguei. Finalmente poderia curtir as férias enquanto esperava o resultado.

Lembro claramente de marcar uma praia com minhas amigas após muitos meses sem sequer ouvir o barulho do mar. Eu sempre gostei de praia, se pudesse, moraria em uma, mas o ritmo de 3º ano não permitia esses luxos. Alguns professores até brincavam “quando ficarem de férias, no fim do ano, vocês podem voltar a ir à praia e ao shopping. Mas enquanto esse dia não chega, estudem, porque aluno de 3º pré-vestibulando não tem vida”. Então fomos e batemos várias fotos, que postamos no Orkut com legendas do tipo “a tão sonhada praia”; “fazendo a fotossíntese”, etc. Poder voltar a fazer as atividades normais do dia a dia sem ficar se perguntando quantos exercícios atrasados eu deixei era tirar um enorme peso a das costas.

Contava, diariamente, quanto tempo faltava para a UFC lançar o resultado final dos aprovados daquele ano. Conforme passavam-se os dias, mas ansiosa eu ficava. Não somente eu, mas minha mãe, meu pai, meu irmão (que também estava prestando vestibular, mas pela 3ª vez), toda a minha família e os meus amigos também, que viveram, comigo, todo esse processo.

O dia chegou e o resultado foi publicado a noite. Naquele momento eu não estava em casa: tinha saído com duas amigas (que também tinha prestado vestibular, mas não pela 1ª vez) para passear e jogar conversa fora, até que o telefone toca e uma delas diz:

- O resultado da UFC saiu. Meu irmão disse que vai tentar olhar.

O site sempre congestionava, devido o grande número de acessos, então nunca era um processo fácil. Até que alguém conseguiu ver o resultado das duas e foi negativo: não passaram. O clima no carro ficou extremamente tenso e eu quase para ter um surto, sem saber do meu resultado. Então fomos para a casa de uma delas e minha mãe me liga, informando (e tentando esconder a tristeza) que eu também não havia passado. No momento eu nem soube o que sentir. As meninas estavam péssimas ao meu lado. Uma delas, inclusive, ficou tão mal, que até vomitou. Ainda na ligação, perguntei sobre meu irmão e ele havia passado. Já estava sabe-se lá onde com os amigos, comemorando e raspando a cabeça. Eu fiquei feliz por ele, dei os parabéns, mas parecia haver uma nuvem negra em cima de mim.

Era como se tudo o que eu havia feito o ano inteiro não tivesse servido absolutamente para nada. As aulas, os exercícios, as noites mal dormidas, as saídas que abri mão, os inúmeros fios de cabelo que eu perdi. Era uma frustração indescritível. Isso, frustração. Um sentimento com o qual nunca aprendi a lidar. Só ouvia uma pergunta na minha mente: como isso foi possível? Eu estudei tanto... conferi as respostas da prova e fui num caminho muito correto. Não aceito.

E não aceitei. Tinha que dar certo. Fui ver as minhas notas e estavam muito abaixo do que eu imaginei. Com certeza havia algo errado naquela correção. Descobri, dias depois, que a UFC permitia que o vestibulando abrisse um recurso para sua prova ser recorrida. Fui no site e, mais uma vez, congestionado. Tentei no dia seguinte e adivinhem: o período tinha acabado no dia anterior. Frustração mais uma vez.

Então um dos meus maiores medos veio a tona: terei que fazer cursinho. Eu, que sempre fui estudiosa, dedicada, teria que fazer cursinho. Para mim, cursinho era (com exceção de medicina e direito) para alunos desleixados, que não “queriam nada com a vida” ou “vagabundos”. Mas era a única forma que eu teria de ainda entrar na Universidade. Então, após muito choro e apoio dos meus pais, decidi fazer cursinho.

O problema era que toda aquela empolgação anterior havia ido embora. Eu não queria estar ali. Os sentimentos eram de decepção e derrota, mas isso me gerou uma reflexão também. Parei pra pensar no quanto eu fiz por aquela causa.

aquele sonho, que eu já nem sabia mais se queria sonhá-lo. O quanto eu me dediquei e abduquei mão de várias coisas que gostava, para que desse certo. Só que não deu. As vezes que olhei para as pessoas apenas como concorrentes, até para os meus amigos. O quanto me penalizei quando não fazia mais de 40 questões no simulado. Como me cobre e como fui cruel comigo durante aquele ano letivo. Claro, é importante manter o foco em um objetivo, mas vale a pena abrir mão de si e ficar obcecado por aquilo? Foi o que passei a me perguntar.

Em 2010, no mesmo colégio, entrei para a turma regular de cursinho. Meus pais, que também foram pegos de surpresa, estavam com dificuldades de pagar, mas como sempre estiveram do meu lado, deram um jeito. Pede desconto, pede ajuda pro avô e pra avó, se rebola etc.

Meu primeiro dia de aula não foi nada empolgante. Comecei decidida a fazer diferente, mas a animação ainda não havia aparecido. Várias das minhas amigas também não tinham passado, então ainda estaríamos ali, estudando juntas. Isso foi reconfortante: pelo menos um lugar seguro para estar. Nada mais seria novidade.

Minha decepção no ano anterior foi tão grande, que abusei completamente da ideia de fazer psicologia: queria renovação e aboli a ideia. Porém, eu me sentia totalmente perdida, já que, há cerca de três anos me conformei que era aquilo que queria fazer para o resto da minha vida. Eu não sabia mais qual curso tentar, mas psicologia não seria. Eu nem queria me matricular no cursinho. Imaginei que, talvez, fosse interessante viver outras experiências antes de retomar aquela, mas aquilo não me era permitido. A questão é que começar um cursinho sem ter ideia de que curso tentar no final do ano não é lá a ideia mais estimulante do mundo. Mas apenas decidi não me desesperar com isso: ainda tinham muitos meses pela frente.

O ano foi passando de uma forma muito (quase completamente) diferente do ano anterior. O cursinho nessa escola era bastante “liberal”. No sentido de que assistíamos às aulas que queríamos, podíamos entrar e sair do colégio a qualquer hora, não tinham provas obrigatórias nem nada do gênero. Dessa forma, no início do ano, meu comportamento foi exemplar, mas, com os cansaços físico e mental chegando, passei a somente assistir as aulas que me interessavam, como história,

biologia e redação. Eu até ia no contraturno, ou a noite, por vezes, para assistir aula, mas somente das matérias que me agradavam, porque minha cabeça já não aguentava mais o que não fosse aquilo. Além disso, matava muita aula indo passear no centro da cidade, onde o colégio se localiza, muitas vezes para nem comprar nada. Andava de loja em loja, ia nas praças, comia um pastel no Leão do Sul e tomava um caldo de cana, só para clarear a mente e conseguir assistir às últimas aulas do dia. Já perto do fim do ano, passava o dia inteiro no colégio, só chegava em casa a noite, a fim de estudar a tarde no colégio, com os amigos. No entanto, a exaustão e a pressão eram tantos, que saímos do colégio, no meio da tarde, para dar uma volta, e acabávamos voltando a noite, só na hora de ir para casa, pois acabávamos nos divertindo com uma peça, um show de chorinho, uma exposição ou uma sessão de filmes. Qualquer coisa diferente nos chamava atenção e ali ficávamos.

Falei sobre cansaço pois, por mais flexível que o cursinho tivesse sido, enquanto a horários e decisão de quais aulas assistir, a pressão era duas, três, quatro vezes maior. Sim, porque o ano de passar foi 2009 e jogamos a chance no vento. Em 2010 tinha que dar certo, não havia outra alternativa. E essa pressão vinha de todos os lados: família, amigos e, claro, o colégio. No cursinho, até as piadas dos professores eram as mesmas, mas o discurso de “você tem que passar” era muito mais corriqueiro e denso. O que também nos desestimulava completamente, sempre que víamos a quantidade de exercícios que não resolvemos ou de matéria que deixamos acumular. Aquilo era quase como um crime ou uma assinatura de que você não passaria no vestibular.

Ah, vale ressaltar que esse ano foi o 1º em que o ENEM seria a única forma de ingresso na UFC. Isso parecia música para nossos ouvidos, pois, até onde sabíamos, era uma prova nada conteudista, então, se ano passado fomos tão preparados para o vestibular tradicional, passar no ENEM seria “moleza”.

O exame foi ficando cada vez mais próximo e, um dos últimos encontros promovidos pelo colégio, um Aulão, onde todos os alunos pré-vestibulandos se reúnem na quadra para assistir a uma aula descontraída, que os professores dizem que é para “desopilar”, diferente do restante do ano inteiro, em pleno feriado, decidi que queria ir à praia. E fui. Com mais 3 amigos, que estudavam comigo. Passamos

o dia inteiro na praia, brincando, tomando cerveja e banho de mar e, ao chegar em casa, eu realmente senti que desopilei. Será que teria sentido o mesmo caso tivesse passado a manhã inteira de um feriado sentada numa cadeira, assistindo à aulas sobre assuntos que eu não achava que ainda iria aprender? A máxima “pré-vestibulando não tem vida”, martelava na minha cabeça, mas eu queria, sim, ter uma vida, exatamente pelo fato de que eu estava viva.

Foi em um desses momentos descontraídos do ano que decidi, de fato, qual curso tentar. Psicologia era fora de cogitação, então o que poderia ser? Sempre gostei da área de humanas e amava biologia há alguns anos. Então pensei em tudo que se pode imaginar: direito, jornalismo, publicidade, moda, farmácia, biotecnologia e até odontologia. Esses últimos cursos eram opções pois tinham biologia envolvida, no entanto, eu não queria fazer Ciências Biológicas, pois achava que o único mercado para o curso era ser professora, ideia que eu abominava completamente (risos). Então, em uma conversa com uma amiga, pergunte:

- Já escolheu qual curso vai colocar no SISU?

E ela disse:

- Já. Vou fazer Ciências Biológicas.

Eu fiquei muito surpresa. Como ela conseguiu ter essa coragem? Então resolvi fazer várias perguntas, que nunca havia me permitido antes. Descobri que havia a área da pesquisa, dos laboratórios etc. Cheguei em casa, pesquisei e decidi: vou tentar esse curso. Com essa decisão, as coisas começaram a tomar um rumo e parecer mais claras na minha mente.

Finalmente chegou o dia do exame e a mesma rotina do dia anterior. Acredito que até a mesma tensão. Fiz a prova no 1º dia e saí claramente cansada, mas acreditando que fui bem. A noite resolvi que queria descansar para o dia seguinte fora de casa. Assim, fui com minha prima para um barzinho, tomar cerveja e ouvir um samba. Voltei cedo, acordei no outro dia muito nervosa: era o dia da prova de matemática. Ao fim do exame, me senti aliviada por aquilo ter acabado. Eu sabia que não tinha me dedicado ao máximo, como no ano anterior, mas de uma coisa eu tinha certeza: havia dado tudo de mim. O problema é que esse “tudo” era muito pouco, pois eu ainda me sentia cansada.

Os meses após o ENEM são de tortura. Primeiro você recebe a nota, que ainda não te serve de nada, pois o Sistema de inscrição só começa a funcionar vários dias depois. Minha nota pareceu boa, em um primeiro momento. Tinha sido mais alta do que a de algumas colegas e aquilo me deixou feliz. Quando o Sistema abriu, foi um desespero só. Para quem não sabe, o SISU funciona da seguinte maneira:

Fica ativo desde o início da manhã, até o fim do dia. O candidato escolhe duas opções de curso nos quais quer concorrer e pode mudar essas opções até o final do processo. A cada manhã em que o Sistema reabre, uma nota de corte é lançada, de acordo com as notas dos alunos que se inscreveram naquele curso. Com isso, sua colocação vai mudando a cada dia. Isso dura cerca de uma semana, quando o Sistema fecha e você espera a divulgação do resultado final.

No primeiro dia eu estava dentro das vagas, para Ciências Biológicas, até bem colocada. Mas fui caindo de posição conforme os dias foram passando e nota de corte só aumentava. Até que fiquei fora das vagas e o desespero bateu. E bateu com força. Eu não podia não entrar na UFC naquele ano. Então mudei a de opção para Engenharia de Pesca, que era um curso com a nota mais baixa, no qual também acabei ficando fora das vagas. Dessa forma, coloquei de novo a opção para Ciências Biológicas e só rezei. Torci para que algo mudasse e eu conseguisse entrar. Até que o sistema fechou e fiquei esperando o resultado final.

Mais uma vez, não passei. E aquilo doeu mais do que no ano anterior. Foi além de tristeza ou decepção: foi desespero. E eu só conseguia pensar que a culpa era minha. Por ter demorado a me decidir, por não ter me matado de estudar e abdicado da minha vida, por ter perdido tardes no centro da cidade vendo peça de grupo independente, enfim, por não ter me dedicado como devia. Ainda surgiu uma esperança na lista de espera, na qual também não passei.

Era uma tristeza profunda, pois eu não sabia o que faria dali pra frente. Meus pais não podiam mais pagar um cursinho caro e eu não sabia de outras opções, sempre fiquei muito restrita no meu mundinho de ensino particular e tradicional. Pensei em estudar em casa, mas eu sabia que não tinha a disciplina suficiente para aquilo. Além disso, se tentar vestibular duas vezes havia me

desgastado, imagina como seria tentar peça terceira vez. Sem comentar o sentimento de derrota e incapacidade que me consumia.

Mas nunca fui uma pessoa conformista, então decidi ir atrás de um lugar pra estudar. Sabia de algumas pessoas que tinham conseguido um bom desconto em outro colégio tradicional de Fortaleza, que, por coincidência, era muito próximo à nova casa que estava morando. Meus pais haviam dito que, se conseguisse um desconto muito bom, eles dariam um jeito de pagar pra mim. Então fui falar com o diretor motivada a conseguir uma bolsa.

Ao entrar na sala, me apresentei, contei que já estaria para tentar o vestibular pela 3ª vez e que não tinha condições financeiras de arcar com as despesas de um cursinho. Então pedi o desconto. O diretor me ouviu com atenção, então me fez duas perguntas:

- 1) Qual foi sua nota no ENEM?
- 2) Para qual curso você quer tentar?

A primeira pergunta respondi com sinceridade, pois não havia como mentir: esses colégios têm acesso às notas dos alunos, de alguma forma. No entanto, eu sabia que era a segunda pergunta que iria me fazer conseguir o desconto ou não. Sabemos que esses grandes colégios são como máquinas de aprovar alunos no vestibular, e que toda sua fama e glória vem, principalmente, pelo grande número de aprovados em Medicina, Direito e Engenharia, que são cursos com altas notas de corte e de difícil acesso. Como eu esperava conseguir algo perto de uma bolsa de estudos dizendo que tentaria Ciências Biológicas? Então, no momento que ele fez essa pergunta, nem respirei e respondi, categoricamente:

- Professor, vou tentar para Medicina.

Pronto, com isso e mais alguma conversa, o colégio me deu um desconto de 60% e os meus pais aceitaram pagar aquele valor.

Claramente, minha mãe não tornaria as coisas tão simples e eu ouvi o bom e velho sermão sobre responsabilidade e valorizar todo o dinheiro que já havia sido investido na minha educação. No entanto, não foi um sermão que entrou por um ouvido e saiu pelo outro: eu realmente ouvi e absorvi tudo o que minha mãe

falou. Além disso, eu realmente estava decidida a fazer dar certo naquele ano. Eu estava cansada, claro, mas renovada. De alguma forma, renovada. Talvez por ter me permitido descansar em 2010, em 2011 cheguei com uma força nova para enfrentar toda aquela dura (e chata) rotina escolar de um pré-vestibulando.

Sempre gostei de coisas novas, então entrar em um colégio novo já foi, por si só, bastante motivador. A metodologia desse colégio era diferente. Os alunos de cursinho tinham de ter a mesma disciplina dos alunos do 3º ano. Tínhamos horário para entrar e sair e obrigação de assistir a todas as aulas.

O ano foi passando e a maturidade pela idade e pelos três anos tentando passar no vestibular me causaram uma mudança de postura. Consegui me organizar melhor, sempre fazia os simulados do colégio (em 2010 não fiz um sequer), assistia (ou pelo menos estava presente) em todas as aulas, procurava os professores de plantão, ou seja, realmente me dediquei. Porém sem neuras, sem me pressionar, apenas confiando que daria certo.

Como os dois anos anteriores, claro, tive os problemas de queda de cabelo, as dores de estômago diárias e problemas de pele, tudo isso ligado ao estresse. Disse anteriormente que eu não me colocava mais pressão, mas a escola ainda colocava bastante, afinal, eu havia recebido um gordo desconto para dar um retorno. Não podia cometer muitos deslizos, sob pena de perder o meu desconto e, com isso, ter que sair do colégio.

Quando o ENEM ficou mais próximo, tive a brilhante ideia de pegar aulas particulares de matemática (a eterna pedra do meu sapato), com um amigo, sobre os principais assuntos que caíam no Exame. Isso me ajudou muito e me deu bastante confiança para seguir.

Chegou o dia da prova e eu nunca estive tão tranquila, em comparação aos anos anteriores. Não posso dizer que não estava nervosa, pois seria uma grande mentira, já que minhas mãos tremiam para resolver as questões. Porém, eu sentia paz e, realmente, uma sensação de que tinha conseguido me doar e me dedicar de uma maneira saudável, com a cabeça descansada e aprendendo a respeitar os meus limites.

Quando os gabaritos saíram, vi que meu desempenho havia sido realmente muito bom. As notas foram lançadas e fui ainda melhor do que imaginava: uma nota muito alta, que, possivelmente, iria me fazer ser aprovada. Então o SISU abriu e, até o último dia, estive dentro das vagas. Quando divulgaram o resultado final, lá estava, meu nome como aprovada, em 3º lugar, para Ciências Biológicas – Licenciatura. É, não tinha dado pro Bacharelado, mas eu tinha planos de mudar a modalidade logo que possível.

A alegria de ser aprovado no vestibular é indescritível. Parece mágica, não sei definir. Claro que cada pessoa sente de uma forma distinta, mas, para mim, foi incrível. Sabe a sensação de realizar o sonho? É exatamente essa. sensação de dever cumprido, de tirar um peso das costas, de provar pra si mesmo que você era capaz daquilo e que, mesmo que tivesse demorado, o dia de comemorar chegou. De mudar de fase, de estudar aquilo que eu gostava, de me sentir mais adulta e ver ir se concretizando um plano pelo qual fui preparada durante toda a minha vida escolar.

Assim, em 2012.1 ingressei na Universidade Federal do Ceará como graduanda em Ciências Biológicas. Passei. Consegui. E recomendo a sensação dessa experiência.

Agora uma breve reflexão sobre toda essa história, como não poderia deixar de ser. As duas vezes em que tentei ingressar na Universidade e não consegui foram momentos muito tristes para mim. Eu não conseguia entender o porque daquilo. Não conseguia nem tirar uma lição boa, como recomendam. No ano em que passei, fiquei muito feliz, mas só conseguia pensar: nossa, consegui aprovação em 3º lugar... por que nos anos anteriores não passei pelo menos em último? Já seria suficiente. E, por muito tempo, por mais que isso já nem doesse, eu pensei nisso. Hoje, já quase graduada, exercendo meu ofício de professora em um Cursinho, há cerca de dois anos, consigo ter uma visão diferente.

Por ter sentido na pele o que é ser aluna de cursinho, o que é a pressão, o medo, a sensação de que talvez, mais uma vez, não dê certo e os incontáveis pensamentos derrotistas e de desistência, sinto que é mais do que meu dever compartilhar minha história com eles. Então, para cada turma nova que me relaciono, conto como foi a minha experiência. E hoje, finalmente, consigo enxergar

tudo isso como um grande aprendizado. Talvez isso que vou falar não seja científico ou acadêmico o suficiente para estar em um Trabalho de Conclusão de Curso, mas, para mim, é uma verdade. Tudo deve acontecer em um tempo certo nas nossas vidas. Por muito tempo não estive preparada pra grande experiência que é entrar em uma Universidade. Muitas coisas precisaram acontecer e foi esse somatório de vivências que me colocou dentro da UFC.

Em 2009, estudei como nunca. Praticamente não tinha matéria atrasada. Entendia que vestibular nada mais era do que uma competição, onde eu tinha que derrubar vários adversários. No caso do meu curso, onde a concorrência era de quatro alunos para uma vaga, eu teria que derrubar essas quatro pessoas. Me sentia vestindo uma camisa e indo para a guerra, lutar, quase que literalmente, pelo meu ideal, que era a aprovação. Não havia pudor que me deixasse com vergonha de enxergar os meus colegas como concorrentes. Eu quero que eles conseguissem passar, contanto que aquilo não significasse que eu não seria aprovada. Nesse ano, eu me sentia, a cada aula assistida ou a cada simulado realizado, sendo preparada para uma grande batalha no final do ano. Batalha que, quando tive o resultado em mãos, no momento, me senti derrotada. Mas será que foi uma derrota mesmo? Hoje eu vejo que não. Vejo que adquiri muito conhecimento, mesmo que de uma forma abusiva e altamente desrespeitosa com os meus limites. Além de qualquer conhecimento didático, aprendi que abdicar da minha vida não me traria sucesso, muito menos felicidade, como alguns professores me disseram. Aprendi que eu deveria estar em primeiro lugar, não a minha aprovação na UFC.

Por conta disso, em 2010 eu já era uma nova Fernanda. Me permiti viver. Por muito tempo, até mesmo já cursando Biologia, me senti culpada, pois ouvi que, nessa época, “joguei o dinheiro dos meus pais no lixo”, já que faltava às aulas e negligenciei o meu estudo. Hoje eu percebo o quanto de vida ganhei. O quanto me conheci, me permitindo sair de aulas que, por mais que eu assistisse, eram ultrapassadas na minha cabeça e não me acrescentariam conhecimento algum. De certa forma, ir ao centro da cidade, comer pastel e assistir uma peça de teatro era uma maneira de protesto contra a vida que não me permiti ter no ano anterior. Foi um ano em que descansei, me ameie e me formeie muito, culturalmente falando. Criei gosto por musica, por teatro, pelos espaços públicos de nossa cidade, que passei a frequentar, como o centro e as praças. Eu não teria vivido isso e sido feliz assim

aprisionada em uma sala de aula, com uma apostila de 2kg em cima da cadeira, tendo minha cabeça moldada como a de todas as outras pessoas que aceitaram aquela condição. Eu não aceitei.

E foi por me permitir viver e crescer que, em 2011, consegui dar tudo de mim. Um tudo que, diferente do ano anterior, era, sim, muita coisa. Era dedicação, era responsabilidade, era foco. Não porque eu queria derrubar os meus concorrentes, mas porque eu sabia que já estava na hora, eu tinha um objetivo e eu queria muito conquistá-lo. Eu passei a entender os motivos de entrar na universidade. Já não era mais para cumprir tabela, ou porque eu ouvi a vida toda que o caminho certo a seguir era aquele. Eu sabia o que queria fazer ali dentro e foi essa certeza que me fez enfrentar as aulas chatas, as provas cansativas e respirar fundo nas horas que sentia vontade de desistir.

A escola é um ambiente cruel. Não deveria ser, mas é. O vestibular também. E a pressão que os alunos recebem, diariamente, de que devem ingressar naquele universo, ainda mais. O cursinho só se preocupa em treinar aquele aluno pra ter um resultado positivo. E o único resultado positivo que ele é treinado a enxergar é a aprovação. Por isso muitos alunos reclamam dos professores que passam trabalho no 3º ano, que passam aulas com filmes, que trazem debates para a sala de aula. Os alunos enxergam aquilo como “perda de tempo”, pois não estão sentados de frente para um quadro, freneticamente copiando matéria. É cruel tornar os nossos alunos meras máquinas de aprovação. Onde fica a formação humana? A formação cultural? Que momentos permitimos o pensamento crítico e o conhecimento de si mesmos? O cursinho deve ser muito mais do que revisar matérias e fazer um exame no final do ano. Ele não só pode, como deve, ser um espaço de liberdade de expressão, crescimento, amadurecimento e, acima de tudo, felicidade.

Ingressei no curso de Ciências Biológicas na modalidade de Licenciatura, pois a nota do ENEM não era suficiente para entrar no Bacharelado. Como as disciplinas dos primeiros semestres eram as mesmas, isso não foi um grande problema. No entanto, sequer cogitava a possibilidade de ser professora, então já estava decidida a mudar de modalidade no meio do ano, quando o Sistema de ingresso reabriria. Assim o fiz e consegui minha vaga tão sonhada no bacharelado.

No terceiro semestre de curso, mesmo não desejando ser professora, assumi uma bolsa de monitoria de zoologia básica, onde ministrei aulas, durante 1 ano para alunos da graduação de Ciências Biológicas, Zootecnia e Agronomia. Foi uma experiência diferente e enriquecedora, que me fez olhar a docência de outra forma e comecei a pensar na possibilidade de, um dia, vir a ser professora universitária.

Quando o tempo da bolsa de monitoria encerrou, tentei seleção para o PET (Programa Educacional Tutorial) Biologia, que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão (a docência, mais uma vez, me chamando). Fazíamos várias intervenções e projetos, na Universidade e fora. As atividades de extensão, em escolas, era aulas relacionadas aos temas dos projetos que estavam ocorrendo no PET. Um dia, em uma dessas aulas, a professora tutora do Programa nos acompanhou e, ao final, perguntou se eu não pensava em dar aula. Disse que me observou, que eu levava muito jeito e que deveria pensar na possibilidade. Por coincidência, vinha passando por uma crise pessoal dentro do curso: já estava no 5º semestre, a família, os amigos e alguns professores me pressionando sobre escolher uma área específica para atuar, no entanto, não conseguia me encaixar a rotina de trabalho de nenhum laboratório pelo qual passei, muito menos gostaria de escolher apenas uma área, dentro de toda a biologia, para trabalhar. Ou seja: não sabia o que fazer dentro do curso, estava me sentindo sem rumo. Assim, as palavras da professora ficaram ressoando em minha cabeça, insistentemente.

Dessa forma, após pensar muito, conversar com várias pessoas e, claro, pesquisar bastante, decidi pedir a mudança interna de curso, mudando do Bacharelado para a Licenciatura.

Na mesma época, vi no Facebook que o PNV (do qual eu nunca tinha ouvido falar) estava com edital aberto para seleção de professores. Não dei muita atenção, pois as aulas deveriam ser ministradas a no turno da noite. Dias depois, uma amiga, com quem não falava há algum tempo, veio me informar dessa mesma seleção. Ela era bolsista de psicologia do projeto e lembrou de mim, então convidou para o processo. Ainda assim, isso não foi suficiente para despertar meu interesse. Por fim, a professora de biologia, vigente na época, a qual eu conhecia da Universidade, veio conversar comigo, também divulgando o edital.

Nesse momento, decidi me informar de verdade sobre o Projeto e descobri que era um Cursinho Popular, com uma proposta social muito forte. Isso me “brilhou os olhos”. Encarei a licenciatura e a experiência no PNV como uma última esperança dentro da biologia. Como uma última chance para eu me encontrar no curso.

E foi assim: em uma conversa no Facebook, resolvendo dar uma última chance ao curso que passou a ser meu sonho (e que eu aprendi a amar), que tomei uma das decisões mais acertadas dentro da minha graduação: me tornar professora do Projeto Novo Vestibular. E foi dentro desse Projeto que, em pouco tempo, me encontrei e passei a fazer uma das coisas das quais mais me orgulho: educar.

4.2 O que dizem os alunos do PNV nas entrevistas

Após o relato do meu percurso até ingressar na universidade, passo a analisar as entrevistas, com as falas de alguns alunos do Projeto Novo Vestibular, que participaram de grupos focais mediados por mim, professora de Biologia do PNV. Suas falas foram transcritas e algumas estão presentes e divididas tópicos, que atendam aos objetivos propostos para a pesquisa. Dentro de cada “tópico”, as análises permitiram dividir as falas nas categorias abaixo, de acordo com o enfoque, que, por sua vez, foram desmembrados em eixos temáticos, para análise e discussão.

A análise foi feita buscando dividir as respostas dos alunos em algumas categorias:

4.2.1. Sobre a relação Aluno-Projeto

- Ensino Libertador
- Ensino Tradicional

4.2.2. Sobre a disciplina Biologia

- Alunos com afinidade por Biologia
- Alunos que percebem a importância da disciplina

4.2.3. Sobre a professora

- Metodologia de ensino
- Boa relação com os alunos

Abaixo, mostro algumas das principais falas dos alunos que participaram da pesquisa bem como discuto suas argumentações, com embasamento teórico.

4.2.1 Sobre a relação Aluno-Projeto

Quando perguntado aos alunos o que eles acham sobre o Projeto Novo Vestibular em comparação aos cursinhos que já estudaram ou ao seu 3º ano do Ensino Médio, alguns pontos chamaram atenção, e são as categorias seguintes:

- **Ensino Libertador**

Faça uma viagem no tempo e relembre sua época de Ensino Médio ou cursinho, prestes a fazer a prova de vestibular. Como todo jovem, você, possivelmente, ansiava por liberdade, das mais diversas formas que ela pode tomar. Esse foi um dos pontos que mais chamou atenção: até os dias de hoje, as escolas ainda não dão essa liberdade que os jovens querem e precisam, como experienciado por mim à época em que estava no ensino médio e cursinho.

Os alunos comentavam sobre professores que não davam espaço para fala e que se sentiam, de certa forma, reprimidos no ambiente escolar. Isso nos remete a Paulo Freire (1987), quando cita a educação bancária, na qual o aluno é um mero receptor de conhecimento e não participa da construção do mesmo. O professor é narrador dos conteúdos e os alunos precisam ser os sujeitos prontos e dispostos a memorizarem, apenas (PATTO, 1997). Assemelhava-se a uma vergonha de mostrar quem realmente eram. Comentaram também sobre como se sentiam confortáveis no espaço do Projeto, onde podiam conversar, rir, brincar, entre eles mesmos e com os próprios professores e a gestão.

Uma das alunas contou sobre sua relação com sua professora de Português do seu ensino médio, de quem ela não gostava. Quando perguntei o porque, ela respondeu que a professora invadia muito o seu espaço, passava sermões para tudo que considerava comportamento ‘errado” e julgava os alunos, embasando-se em suas próprias convicções religiosas. Isso os deixava

constrangidos e reprimidos, fazendo com que não quisessem se expor, para não serem taxados de errados”.

Algumas falas foram destacadas, onde podemos perceber a satisfação dos alunos com o PNV por estarem em um ambiente que os permitia serem livres:

ALUNO 10: *“E eu sou uma pessoa que, assim: desde o 3º ano, quando eu decidi quebrar a sociedade, eu parei de aceitar imposições e certas regras. Sendo como eu sou, em outros cursinhos eu seria expulso, na hora. E o que eu gostei muito aqui é que, por ser um cursinho coordenado pela área de Humanas, é um lugar onde a gente tem liberdade, a gente pode se expressar e ser nós mesmos, sem regras que deixam a gente alienado.”*

ALUNA 1: *“O que eu mais achei legal foi a liberdade que a gente tem aqui. Não só de entrar e sair da sala, mas a liberdade de poder conversar sobre qualquer coisa, até mesmo com os professores. A forma da gente se comportar, sei lá. Querendo ou não, na escola a gente segue um padrão e aqui a gente já tem uma maior liberdade de se expor.”*

ALUNO 7: *“O que modifica dos cursinhos tradicionais é a liberdade e o conforto que eles oferecem ao aluno.”*

Segundo o Departamento de Educação de Jovens e Adultos (2005), os povos gregos falavam em liberdade como sendo a forma plena da dignidade humana, pela ideia da igualdade. Assim, já podemos tirar uma reflexão importante: sendo os estudantes do Projeto Novo Vestibular, em sua maioria, adolescentes adentrando a vida adulta, o anseio de se expressar e exercer a sua liberdade grita muito alto. É uma forma de se sentirem mais dignos, de perceberem seu espaço e seu lugar no mundo. É como conseguem se inserir, se projetar e fala “eu estou aqui, me veja”. Esses jovens, que, muitas vezes, vêm da realidade da escola pública e, para diversos professores, são invisíveis: apenas um número de chamada em um diário de classe. Por isso não é grande surpresa que a Liberdade seja algo que os atrai no PNV.

O que faz a atividade de aprender como algo único não são apenas os conteúdos assimilados, mas a convivências com outras experiências e vivências. Se

escola é o local onde as diversas formas de pensar e ver o mundo se encontram, nós, enquanto educadores, temos o dever de levar em conta as pessoas que queremos educar (Educação de Jovens e Adultos, 2005). Levar em conta quer dizer, fundamentalmente, respeitar e, quem respeita, deixa livre. Saber que cada aluno carrega consigo uma história que precisa ser contada é saber que, para isso, eles precisam de sua liberdade.

A Lei n.º 9394 /96, artigo 3º das Diretrizes e Bases da educação (LDB), tem como um de seus princípios a garantia da liberdade. Porém, que liberdade é essa que vemos nos colégios? É contraditório que falemos em liberdade para nossos alunos se os mantemos em um sistema que aprisionamento (Educação de Jovens e Adultos, 2005), que é o ensino básico. Isso pode ser percebido em uma simples visita a uma escola. Não somente pelas portas fechadas, muros altos ou qualquer barreira física, mas o aprisionamento da personalidade, com tantas regras impostas, que vetam a nossos alunos o direito de ser quem são.

Oliveira (2001), fala que é possível dizer que os jovens atribuem funções e sentidos bem estabelecidos à escola: ela parece ser libertadora, o que traz maiores chances de um futuro melhor. No entanto, fica claro, pela fala desses alunos, que o grande diferencial que vieram, no PNV, em relação a outras instituições de ensino onde estiveram, foi a liberdade. Lendo as falas, percebemos o desejo desses alunos de estudarem em um ambiente que os deixem mais livres, onde possam se expressar, falar sobre qualquer assunto, aprender seus limites e, assim, irem se construindo como seres no mundo, sem julgamento por parte da gestão da escola ou dos professores. E é dessa forma que eles terão um futuro melhor.

Quando falamos diretamente sobre a relação professor-aluno, ao mesmo tempo que gerou alegria e orgulho pelo projeto, também gerou tristeza, ao perceber o quão carentes de uma boa relação professor-aluno, nossos estudantes são, por conta da escola.

Alguns alunos comentaram sobre professores em suas escolas que “não estavam nem aí pra eles”, que não se importavam com sua aprendizagem de fato, com o que eles estavam pensando nem com o que estavam sentindo. Relataram também sobre os professores cansados e desmotivados, os que não davam voz a eles e os que pareciam estar ali por pura obrigação.

Um relato, em especial, chamou atenção. Falava sobre uma professora de Português, já mais velha, que acompanhava a turma há 3 anos. Além das tarefas julgadas desnecessárias, pelos alunos, a professora em questão tomava vários minutos das aulas e das provas para “dar conta da vida alheia”. Além de ficar contando fatos (fococas) que ouvia de outros alunos, a professora sentia-se no total direito de intervir na vida pessoal dos alunos. Um dia chegou questionando a virgindade de uma menina para a mãe da garota, na reunião de pais. Isso gerou constrangimento geral, entre a aluna, a mãe e os pais que estavam perto e findaram por ouvir. A professora também costuma fazer pregações religiosas para os alunos, dizendo que certos comportamentos deles são pecado, como beber e se relacionar com os garotos, dentre outros exemplos. A aluna que fez esse relato deixou claro, com todas as letras, o quanto não gosta dessa professora e que ela mesma tem conhecimento disso. Pela fala da própria aluna “ não sou eu, é toda a escola”. Havia também uma professora de Sociologia, que dava voz e espaço para os alunos, mesmo impondo respeito, e eles a amavam. De um lado, repressão. Do outro, um ótimo relacionamento. A relação que se estabelece entre professor e aluno é de fundamental valor, que chega ao ponto de gerar posicionamentos pessoais no que diz respeito à metodologia e aos conteúdos. Se essa relação for boa, existem muito mais chances de haver um maior aprendizado (AQUINO, 1996). Assim, qual a aula em que os alunos mais participavam e faziam questão de assistir? A da professora de Sociologia.

Os alunos do grupo focal pontuaram muitas coisas positivas sobre o relacionamento com os professores do Projeto, o que é uma grande conquista, pois significa que estamos conseguindo cumprir uma de nossas propostas dentro do ensino popular e humano.

Como exemplos dessas falas, temos:

ALUNA 6: “(...) Além do grupo docente se preocupar de verdade com você.”

ALUNA 8: “Os professores são super acessíveis, amigos, tão sempre dispostos a ajudar com tudo.”

ALUNO 10: “(...)São gente como a gente, que tem dúvidas, que não sabem de tudo, mas que se comprometem em pesquisar e responder no plantão. Sem contar as

histórias de vida de vocês. Porque, por exemplo, a gente vê pessoas aqui que já tentaram vestibular diversas vezes. Daí quando chega um professor, como o "Otávio", que tentou vestibular 8 vezes e na 9ª conseguiu, acaba nos motivando muito. Se não deu certo agora, é porque não é o momento. O momento vai chegar."

ALUNA 2: *E têm um modo de dar aula legal.*

FERNANDA: *Como é o um modo de dar aula legal?*

ALUNA 2: *Tipo assim, eles sabem interagir. Botam muita coisa do nosso dia a dia.*

ALUNA 1: *É, como eles são muito próximos da gente, eles brincando "olha, o que você foi fazer naquela festa, aquele dia..."*

ALUNA 2: *Fica descontraído. Deixa a aula mais leve."*

Falando em termos gerais, não é difícil perceber o descontentamento dos professores com seu ofício, o que faz com que sejam superficiais em suas relações com os alunos, não indo além da transmissão dos conteúdos do currículo escolar (BELOTTI; FARIA, 2010). Durante as entrevistas foi possível perceber que os alunos, vítimas diretas desse, pode-se chamar, descaso, sentem com esses distanciamento. As falas acima comprovam isso, no momento em que eles dizem que gostam da boa relação que os professores do PNV permitem que aconteça. A questão desafiadora que se estabelece aí é que os educadores precisam conseguir mudar a relação de conflituosa e preconceituosa que se estabelece entre eles e os alunos. É romper com aquela imagem (que se fortalece ainda mais no ensino médio) de que o professor é o inimigo que quer punir o aluno, mandando-o para a coordenação, passando muita tarefa, reprovando e reprimindo. O aluno precisa encontrar, na figura do docente, segurança e bem estar, para confiar sua aprendizagem àquela pessoa.

Os estudantes possuem uma relação mais positiva, com maior respeito e até de reciprocidade com os professores de cursinhos populares, onde estudam, do que com as escolas onde terminaram o ensino médio (VERRANGIA, 2013). Deve ficar a reflexão de porque isso ocorre. Possivelmente pela liberdade assegurada a esses alunos, como já foi discutido anteriormente, e pelas possibilidades que os professores nesses espaços possuem de permitirem-se relacionar com os

estudantes. Muitas vezes as escolas vetam isso e exigem do professor uma postura distante. No entanto, não é isso que os dois lados, muitas vezes, desejam e precisam.

Um professor que se interessa na formação de valores dos seus deve buscar sempre estabelecer com eles, uma boa relação. Assim, a troca entre eles será mais interessante, pois as atitudes do professor fizeram e os métodos de motivação em fizeram o aluno se sentir mais capaz (COELHO; FERREIRA, 2007).

"Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1991, p. 58).

A conversa foi entrando no ponto “desempenho dos docentes”. Nesse momento, outros aspectos conflitantes apareceram. Durante toda a entrevista, praticamente independente do tópico específico abordado, os alunos falavam sobre o desempenho dos professores de seus colégios. Reclamavam da falta de interesse com eles e com a matéria; do descompromisso; da desmotivação (alguns, que estavam ainda no 3º ano, atribuíram isso à greve) e, principalmente, da metodologia arcaica que a grande maioria utilizava: aula expositiva, no quadro.

De contrapartida, elogiaram bastante os professores em formação do PNV. Apontaram a animação de alguns professores, que apareciam de bom humor, contagiando os alunos; o domínio do conteúdo; as metodologias dinâmicas, que conseguiam deixar o aluno preso à aula e a motivação.

É perceptível que, quando o professor demonstra domínio do conteúdo, ou seja, preparo, os alunos se sentem melhor amparados e confiam mais naquilo que está sendo compartilhado com eles. Além disso, para alguns deles, ter um professor graduado, mestre, doutor etc, faz com que eles se orgulhem e se espelhem. Porém, para outros, o título, em si, não é o que mais vale, mas a vontade e a dedicação do professor.

“ALUNA 2: *Os professores enrolam muito.*

FERNANDA: *Enrolam tipo como?*

ALUNA 2: *Ah, ao invés de darem aula, ficam conversando, as vezes uma aula inteira”*

ALUNO 4: *“Ah, o meu colégio é público, mas é considerado bom lá na região. A maioria dos meus professores têm mestrado, doutorado, são super bem preparados”.*

ALUNA 6: *“Eu sempre dizia pros meus amigos que, no PNV, apesar de serem alunos da UFC ainda, eu via vocês, realmente, como professores. Didática de professor, tudo, tudo, tudo de professor”.*

ALUNA 2: *“Por exemplo, o professor de história dá aula com muita empolgação”.*

Não há dúvidas que existe entre aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos.”

Para exercer bem seu ofício, dentro de aula, o professor precisa dominar o conteúdo que irá abordar. Diz-se “dominar o conteúdo” daquele que trabalha com dúvidas e questionamentos, que analisa sua matéria e estuda, para se aperfeiçoar (CUNHA, 2008). Além disso, não somente colocar o conteúdo no quadro, como foi o que muitos dos entrevistados reclamaram, mas sabe utilizar aquele quadro e aquele pincel.

Conhecer bem os conteúdos é fundamental quando se quer ensinar algo a alguém. Isso traz a habilidade de repassar esse conteúdo com confiança, que é uma competência fundamental a um professor (FEITOSA; CORNELSEN; VALENTE, 2007). Assim, não se pode esperar de um professor desleixado, que não estuda e não se prepara didaticamente, uma boa aula.

Desde que ingressei no PNV como professora, ouvi falar sobre a preocupação com a formação humana dos alunos. A questão é que sempre ouvi falar nisso em todo lugar que se discute educação e, com as experiências que fui adquirindo durante minha formação, pude constatar que, a vida real, muito se fala e pouco se faz.

Ao relatar sua experiência como professor de um cursinho popular, Verrangia (2013), fala que , para muitos jovens e adultos alunos dos cursinhos nos quais trabalhou, esses espaços contribuíram para formá-los em suas relações de

classe; gênero; e raça-etnia. Diz, ainda, que, lá, os alunos falam, sobre esses temas de maneira livre e aberta, em atividades específicas e curriculares. É exatamente isso que o PNV busca fazer, como os próprios alunos disseram, através de mini cursos, debates, filmes, palestras, semanas culturais. Como esperar que os alunos tenham uma formação humana se não saímos do espaço formal da sala e de aula e procuramos novos modos de formá-los?

Assim, foi dentro do Projeto onde realmente vi isso sendo colocado em prática e asseguro: essa é a maior preocupação. Atentamos tanto para isso, que é gritante para os alunos. Eles percebem. E gostam. Falaram bastante sobre isso na entrevista. Tanto da falta que sentiam disso no colégio quanto da satisfação em vivenciar isso no Projeto:

ALUNO 7: *“No meu colégio, depois dessa greve, mudou tudo. Tá tudo muito rápido. Não teve semana cultural, nada disso. Só aula e prova. Não sei se isso é bom ou ruim”.*

ALUNA 1: *“Aqui abrange a nossa mente”.*

ALUNO 4: *“(…)Tinha também uma amiga minha, que tava no 3º ano e fazia cursinho aqui. Daí ela recomendou, disse que era muito bom, falou até do teatro. Daí eu procurei me informar mais e vim me matricular”.*

ALUNA 9: *“Eu acho que aqui tem um grande diferencial, que vai além das aulas convencionais. Rompe aquela coisa das 4 paredes. São os minicursos, os debates com temas sociais, econômicos, que dão liberdade pra gente pensar e debater. No colégio não tem isso nem em outros cursinhos, com certeza. E aqui isso faz muita diferença. Além de você ficar só no decoreba, você é instigado a pensar e isso é muito bom. Coloca os alunos em contato com outras coisas, como a arte, pelo teatro, pelos minicursos. Os de artes, eu vou em todos, desde o ano passado”*

ALUNO 3: *“O diferencial do PNV também é o Teatro e a Jornada Cultural, que trabalha de forma mais dinâmica com os alunos”.*

Essa formação humana possui impactos profundos sobre a construção da identidade s educandos, e, comumente eles não entendem porque essas questões não estão presentes nas escolas em que estudaram ao longo da vida (VERRANGIA,

2013). Assim, o Projeto acaba suprimindo uma demanda gritante na formação desses alunos, o que acaba aproximando-os ainda mais do projeto e criando um vínculo, agora não somente pela preparação para o ENEM, mas um vínculo afetivo. O teatro, por exemplo, foi criado por um antigo professor de sociologia, por uma demanda que surgiu dos alunos e tornou-se um espaço de interação, discussão de textos, bem como ajudou a muitos alunos tímidos conseguirem uma maior interação com seus colegas e com o próprio mundo. Não é por acaso que, nas famigeradas conversas nos corredores do PNV, já presenciei diversos alunos falando sobre o desejo de passarem na Universidade e tentarem uma vaga como professores do Projeto.

- **Ensino tradicional**

Em termos gerais, o que um aluno de pré vestibular ou cursinho mais quer ? A resposta é óbvia: passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No entanto, foi possível perceber, pelos relatos dos alunos, que as escolas, no 3º ano, não estão com um foco direto para o Exame e isso os entristece bastante. Faz com que sintam sua preparação negligenciada, deixando-os extremamente aflitos.

Eles reclamavam bastante sobre o grande volume de tarefas para casa, trabalhos, seminários e provas que precisavam fazer, para terem uma nota e serem aprovados, ao final do ano letivo, na escola. Diziam que a escola apenas se preocupava com isso e deixava de lado a preparação para o ENEM.

Uma aluna relatou um fato, onde uma professora passou um trabalho no qual os alunos deveriam pesquisar sobre 30 gêneros textuais. Segundo a aluna, aquilo era desnecessário e uma perda de tempo, pois é um conteúdo que sequer é cobrado no Exame. Quando questionei sobre a possibilidade de esses trabalhos e essas tarefas serem uma forma alternativa de estudo, eles discordaram e falaram que não conseguiam enxergar um foco, pela parte dos professores, nos assuntos que mais aparece a prova.

Então, acabaram falando que, ao contrário da escola, no PNV percebiam um cronograma melhor elaborado, feito todo com base nos principais temas e competências do ENEM. Viam que os professores sabiam direcionar os conteúdos ministrados nas aulas e que, mesmo quando as aulas fugiam do comum, ainda podiam perceber que havia um foco naquilo.

Várias falas podem exemplificar isso:

ALUNO 10: (...)”Então, assim, eu acho que, no 3º ano, eu não absorvi tudo que eu podia ter absorvido, porque eu peguei uma sala de pessoas bem mais velhas, onde eu era o mais novo. Daí o professor era mais maleável, não exigia tanto da disciplina, não botava muito conteúdo. Então eu não considero que fiz o 3º ano. Pro MEC, pra SEDUC eu fiz. Mas, pra mim, não fiz.”

ALUNA 2: “Eu acho que é um erro deles, porque a gente tá no 3º ano e, em vez de eles estarem investindo mais em dicas e conteúdo pro ENEM, eles passam trabalhos enormes.”

ALUNA 1: “Na escola o foco maior são as provas da escola mesmo, e no PNV a forma como a matéria é dada é mais objetiva, sem enrolamentos.”

ALUNA 6: “Eu fiz o terceiro ano em escola particular, eu não passei, então decidi fazer dois cursinhos. Fiz o PNV e UECE Vest. Me pergunte qual foi melhor? PNV! Aqui é totalmente focado no ENEM.”

O currículo tradicional fica aqui explícito nas falas, como Silva caracteriza: A escola tem importante papel na produção do conhecimento técnico, se relacionando com a sociedade capitalista: precisa oferecer um conhecimento relevante para a produção e para a economia. Embora, no final das contas, essa produção só ocorra nos níveis superiores de educação, há uma pressão para que o currículo da escola se molde e prepare os educandos para o que irão receber na universidade. Dessa maneira, esse conhecimento é o que passa a ter prestígio, em detrimento, por exemplo, das artes, que não terão tanta serventia para a vida profissional, futuramente. Do que se depreende das falas é a constatação de que os conhecimentos “relevantes” são os únicos utilizados para a finalidade que seria o ENEM e Vestibular. Portanto, confirmando a análise de Silva (2014).

Percebemos, claramente, a grande força que o currículo tradicional ainda exerce sobre os alunos de 3º ano. Suas visões e seus desejos são muito ligados ao conteúdo que será exigido na prova, ao vestibular. Colocam o professor como um agente central, detentor de saber e ele (e somente ele) tem o poder de transpor os conteúdos dos quais os alunos necessitam para sua aprovação na universidade.

4.2.2. Sobre a disciplina de Biologia

Sabemos que todo aluno tem suas preferências no tocante aos assuntos que vê na escola. Alguns possuem mais afinidade com matemática, outros com história. Alguns não suportam física, outros, português. Com base nas perguntas que foram feitas no grupo focal sobre a disciplina de Biologia, tanto na escola quando no PNV, dois eixos foram observados e discutiremos sobre eles:

- **Alunos com afinidade por Biologia**

Ainda que entre as disciplinas na escola, não existe só uma maneira de lidar com elas, como a Biologia e a física. Essas duas tem muito mais semelhanças com suas disciplinas de referência, do que com a disciplina de Ciências, vista na escola e construída especificamente para determinada finalidade, não necessitando ter relação direta com a Biologia vista no curso de Ciências Biológicas (MARANDINO, 2009).

Durante a conversa, as opiniões ficaram divididas. Nenhum aluno chegou a falar que não gostava de Biologia ou que era a pior matéria. O que percebi foram alunos que diziam amar a matéria, outros que falavam somente que gostavam e outros, ainda se limitavam em dizer que percebiam que era importante para algo, fosse pra vida, fosse como um conteúdo que cai no ENEM. De certa forma, foi uma surpresa saber que não existia um ódio gritante pela matéria, uma vez que, no início do semestre letivo, pergunto quem aqui não gosta de biologia e sempre vejo algumas mãos levantando.

Sobre as falas relatando o amor ou a afinidade pela matéria, podemos destacar:

ALUNA 9: *“Eu vejo muita gente com dificuldade em Ciências, no geral. Já vi um monte dizendo que não gosta de Biologia, que acha chato. E os alunos têm vontade de ficar na aula pra assistir. É tanto que, quando vai começar a aula, o pessoal fala “corre, que é aula de biologia!”.*

ALUNO 10: *“Amo Biologia. Fui aluno de turma de Olimpíada em 2004 e 2005 pelo COLÉGIO X”.*

ALUNO 7: *“As aulas de biologia no PNV quebram essa forma estrutural e faz chamar mais atenção para a matérias. Especialmente para mim ficou de uma forma mais fácil”.*

ALUNA 8: *“A biologia para mim é tudo! (...)Eu amo biologia, ela torna tudo mais fácil, explica muitas coisas da vida, do funcionamento do nosso corpo e eu amo!”.*

Nessas falas observamos ainda algumas influências do currículo tradicional, segundo Silva (2014), quando citam as olimpíadas das quais participaram, trazendo a Biologia no seu âmbito conteudista, apenas. Aqui, vemos exatamente a escola funcionando como uma empresa, buscando e gerando resultados, se voltando para a produção de mão de obra. Porém, também podemos perceber os alunos que já enxergam a importância e a aplicabilidade da matéria em seu dia a dia, como uma aproximação ao currículo crítico, mesmo de maneira incipiente, com a ajuda das aulas.

- **Alunos que percebem a importância da Disciplina**

Do outro lado, estavam os alunos que não cultivavam um amor pela disciplina, nem falaram que tinham afinidade, mas reconheciam sua importância.

Em algumas falas, citavam que era necessário aprender sobre os animais, as plantas, a forma como funciona a vida no nosso planeta, o que mostra que realmente entenderam o recado do conteúdo. Em outras falas (a maioria) salientavam a importância para o ENEM, por ser um conteúdo presente na prova de Ciências da Natureza.

ALUNA 5: *“Eu não tenho muito o que falar da importância da matéria em si, considero que ela seja necessária para entendermos melhor a nossa relação desde a nossa existência até nosso relacionamento com os bichinhos 😊.”*

ALUNA 2: *“A Biologia é essencial para várias coisas, é sempre bom sabermos do básico, mas, para mim, não é uma coisa que eu gostaria de me aprofundar”*

ALUNA 1: *“A biologia é importante para entendermos a vida, conhecer melhor a origem das coisas, então eu acho importante a gente saber sobre a matéria.”*

Temos então, ainda segundo Silva (2014), alguns traços da Fenomenologia buscando dar significado às experiências reais vividas por esses alunos, quando citam a importância da matéria para entender o funcionamento da vida e a relação com os seres.

4.3.2 Sobre a professora

No que diz respeito a professora, tema central desse trabalho, muito foi dito. De forma explícita ou nas entrelinhas, as falas dos alunos possibilitaram a extração dos eixos

- **Metodologia de ensino**
- **Boa relação com os alunos**

Alguns pontos podem parecer semelhantes com outros já citados, quando conversamos sobre os professores do projeto. Porém, isso reforçou aspectos positivos que os alunos pensavam a respeito da professora em questão, especificamente.

- **Metodologia de ensino**

Sobre esse ponto, muito foi dito, conversado e relatado. Inicialmente tentei entender como eram as aulas de biologia nas escolas onde estudaram, se eles gostavam dos métodos que os professores utilizavam, se conseguiam aprender etc.

Os alunos reclamaram bastante da “mesmice” das aulas: basicamente, os professores entram em sala, escrevem no quadro, pedem para os alunos copiarem e, em seguida, dão o conteúdo. Fim. Disseram que dificilmente foge desse padrão e que isso os cansa bastante, os deixa desmotivados. Muitas vezes, mesmo não sendo um professor chato, a aula é intragável.

Quando perguntei o que eles consideravam uma aula boa, comentaram que são aulas dinâmicas, que prendem a atenção do aluno e o faz realmente querer participar, e, conseqüentemente, o aluno aprende com maior facilidade.

Os comentários sobre as aulas ministradas pela professora Fernanda foram muito positivos. Os alunos comentaram sobre descontração, dedicação com os alunos e com o conteúdo e sobre a diferença dessas aulas para as aulas na escola. Podemos ver alguns comentários abaixo:

ALUNA 2: *“A forma que a professora dá aula é bem descontraída, mas tem um objetivo de passar o conteúdo pra gente”.*

ALUNA 9: *“Sobre a Biologia, eu vejo muita dedicação da professora. (...)Faz a gente se prender na aula e se interessar pela matéria”.*

ALUNA 5: *“Admiro muito a forma da Fernanda de dar aula, pois ela tenta ao máximo nos deixar interessados em aprender mais sobre a Biologia”.*

ALUNA 9: *“A professora Fernanda tem uma didática ótima, ela consegue administrar muito bem o conteúdo, sem deixar a aula monótona”.*

ALUNA 1: *“A forma que a biologia é passada aqui no PNV é bastante diferente da escola, a forma de como o conteúdo é passado, do jeito que a Fernanda fala é bastante compreensivo”.*

Com as respostas dos educandos, foi possível perceber a grande carência no sistema de ensino atual, no que diz respeito a didática dos professores do ensino médio. As vezes a escola não dá espaço para um professor que quer buscar uma metodologia diferente, que quer usar, até mesmo, recursos midiáticos. Quando não é a escola vetando, é o próprio docente que se acomoda em uma metodologia só (e mais fácil), que não exige tanto dele, física e intelectualmente, e aí os alunos se prejudicam.

Segundo o dicionário, didática é a arte de transmitir conhecimentos; técnica de ensinar. Educar ou ensinar com entusiasmo é algo decisivo no processo de aprendizagem dos alunos (BELOTTI; FARIA, 2010). Quando o estudante reclama da didática do professor, é exatamente sobre esse entusiasmo que eles estão falando e sentindo falta. Professores que entram em sala e sequer conseguem esconder que não queria estar ali. Como esperar uma aula empolgante de um professor que não se empolga com seu ofício?

Qualquer pessoa que possua um mínimo saber pode dar uma aula, mas nem todas as pessoas que dão uma aula serão bons professores. Para isso, é necessário muito mais do que ler um livro ou ter um pincel em mãos e uma lousa ao seu alcance. A primeira coisa (e, talvez, mais importante) é amar aquilo que faz, no entanto percebemos cada vez mais estudantes que ingressam nos cursos de licenciatura com a expectativa de serem Biólogos, Geógrafos, Historiadores, mas não de serem professores de Biologia, de Geografia ou de História. (MELLO, 2000). A docência, para essas pessoas, acaba sendo um “bico” e, com pouco tempo de ofício, um peso. Os alunos percebe isso na postura do professor e sabem quando ele faz aquilo com amor ou não. Exemplos dos resultados disso são as falas colocadas anteriormente.

Saber dialogar necessário todo relacionamento, inclusive entre professores e alunos. No processo de ensino e aprendizagem importante que docente se volte ao educando para vê-lo como alguém já cheio saberes, no seu contexto de vida (BELOTTI; FARIA, 2010). Isso cria um vínculo entre as duas partes, que, convivendo bem, aprenderão bem, uma com a outra. Obviamente que, tudo isso, dentro dos limites do respeito. Essa relação de amizade é importante, porém, não deixando de lado a necessidade da hierarquia, onde cada um possui seu papel e deve exercê-lo. Isso foi muito bem evidenciado quando, na entrevista, uma das alunas citou a professora de sociologia, que, segundo as palavras dela, é uma professora maravilhosa, que dá espaço para os alunos falarem e se expressarem, mas que todos têm muito respeito por ela.

Ser professor vai muito além de estar presente em uma sala de aula repleta de alunos. Vai desde saber ser facilitador de conteúdos para os alunos, através de um saber metodológico, perpassando por questões sociais que envolvem seu ofício e os problemas que vêm com ele, até dedicar todo seu compromisso e respeito ao seu trabalho, que não será pouco (BELOTTI; FARIA, 2010).

- **Boa relação com os alunos**

Para mim, esse é o tópico principal do presente trabalho. Mais do que dominar o conteúdo, saber responder a todas as perguntas, ter uma didática incrível, um professor deve ter, sim, uma relação boa com seus alunos. Não falo de serem

melhores amigos, frequentar a casa um do outro ou fazer parte da família. Falo de respeito, de admiração, de compreensão e empatia.

Assim, os alunos percebem a abertura do professor e se abrem também. Como não afirmar que a aprendizagem se torna muito mais eficaz em um ambiente onde ambos os lados querem estar?

Todos nós tivemos aqueles professores com os quais não nos dávamos bem. Aquele professor que não suportávamos, que, por algum motivo, tínhamos raiva. Com certeza ele não ministrava sua disciplina favorita. Possivelmente, inclusive, você tinha dificuldade com o conteúdo dele. E, mesmo que essa dificuldade não existisse, assistir à aula desse professor não era prazeroso.

Na entrevista, uma aluna citou um sobre uma professora de sua escola, com quem ela tinha aula quase todos os dias da semana. Ela e outros vários alunos não gostavam nem um pouco dessa professora e as dificuldades na matéria começaram a surgir. A estudante disse que, certas vezes, chega a inventar doença para conseguir fugir da aula dessa professora. Fala também que já foi secretária dela na escola, tentou uma aproximação, mas não conseguiu mudar a imagem que tinha da docente. Assim, ela não frequentava as aulas, sentia dificuldade na hora de estudar e suas notas caíram muito.

Os alunos entrevistados falaram algumas coisas sobre isso e podemos ver nas seguintes passagens:

ALUNA 6: *“A Fernanda, dentro de sala é uma professora, fora de sala é uma amiga, que fresca, que brinca. Pelo amor de Deus, a risada da Fernanda...”*

ALUNO 10: *“Não era só uma professora ali, dando aula. Nós tivemos uma amiga, uma companheira, uma pessoa que gritou, que tacou a mão na mesa, que disse “PORRA” (...) Porque quebra a ideia que o professor é perfeito, sabe-tudo, que tá ali como ser superior e nós temos de estar ali, fixados. Não. A gente não vê isso com ela.”*

Ultimamente tem sido comum ver professores que apenas querem passar seu conhecimento, não se importando com a realidade dos alunos. Isso é prejudicial, principalmente para os alunos que vêm de periferias ou de outras locais

com uma realidade mais particular (BELOTTI; FARIA, 2010). Por ser um cursinho popular, a grande maioria dos alunos do PNV vem de escola pública, bem como os que estiveram presentes no Grupo Focal. Está aí, constatada a importância de dar importância.

Não devemos pensar que o ato de ensino do está restrito somente ao momento da aula, dentro da sala. Existem também outras coisas de grande importância para o ensino-aprendizagem, como o planejamento da aula, a convivência e, claro, conversar com os alunos (CUNHA, 2008).

Enquanto educadores e seres sociais, devemos ser empáticos e reflexivos. Empáticos porque o ato de se colocar no lugar do outro é muito importante para o docente. É saber se estou oferecendo ao meu aluno aquilo que ficaria feliz em receber, não só em relação ao conteúdo. E reflexivos para nos perguntarmos o que pode ser feito para que a minha relação com meus alunos esteja sempre melhorando, para, assim, tê-los mais próximos a mim e a meu conteúdo.

Para Freire (1996), é pensando de maneira crítica a prática de hoje, que se poderá melhorar a prática de amanhã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de fazer um relato de meu trajeto, desde o ensino médio, passando pela Universidade, até minha construção enquanto professora foi um desafio e uma autoanálise. Buscar entender que minha história auxilia em minha formação é engrandecedor e motivador, para sempre buscar mais experiências e, com elas, conseguir um grande amadurecimento. Além disso, a cada entrevista feita e analisada em minha pesquisa, pude ver em meus alunos, um pouco de mim, Fernanda aluna. Suas dúvidas, reclamações, seus anseios. Percebe-se, com as reflexões e as leituras feitas, que isso não ocorre somente com os jovens de hoje, mas é algo que vem desde tempos remotos, por isso viu-se a urgência de se discutir currículo, e permanecem fazendo isso até os dias atuais. Dialogar com eles em um grupo focal fez abrir meus olhos para muitas questões que, somente entre as quatro paredes de uma sala de aula formal, não observava tão a fundo. A troca de experiências, a confiança depositada e o aprendizado, dos dois lados foi, em essência, um ato docente.

Viver a oportunidade de lecionar em um curso livre foi muito produtivo. Apesar de ter ingressado no PNV sem ideia do que seriam os próximos dois anos, acreditava que seria desafiador. Aprender diretamente com os outros professores as diversas maneiras através das quais podemos ministrar aula foi fantástico. Ter uma relação de proximidade e honestidade com nossos alunos ajudou-me bastante a entender o que eles precisavam e buscar, ao máximo, suprir essas necessidades. Perceber que as diferenças entre as relações e vivências dos estudantes em suas escolas de origem e no PNV foi são um ponto motivador para sua permanência no Projeto chamou bastante atenção. Foi possível constatar que meu modo de ensiná-los também contribui para uma educação crítica e libertadora. Para além disso, inserir-me em espaços formativos, fora da sala de aula, como as oficinas, as palestras e as organizações de eventos, bem como trabalhar em toda a construção do curso, como fóruns de discussão, planejamentos, matrículas, dentre outros, formaram-me em outros aspectos e me trouxeram um diferencial em questões organizacionais.

Hoje, em minhas diversas atividades enquanto docente, sinto impressos os saberes adquiridos nas experiências dentro do Projeto. Os momentos de dialogar

com os alunos, de me importar com o que precisam aprender e buscar envolver suas vidas no que compartilhamos em sala de aula são resultados do que me foi transferido enquanto professora de um curso livre. Procuo assim, aprimorar-me e desconstruir-me a cada nova vivência.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. **A relação professor-aluno:** indisciplina, moralidade e conhecimento. São Paulo: Summus, 1996.

BACCHETTO, J. G.. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000):** a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior. 2003. 170 f. Dissertação(Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BAUER, M. W; GASKEL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 13ª Ed. Petrópolis: Vozes,2015. 501 p.

BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. Relação professor-aluno. **Saberes da Educação**, São Roque, v.1 ,n. 12, 2010.

CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem** - Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak 2008. 130 p.

D'AVILA, G. T.; KRAWULSKI, E.; VERIGUINE, N. R.; SOARES, D. H. P. Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 350-358, mai./ago. 2011

FEITOZA, L. A.; CORNELSEN, J. M.; VALENTE, S. M. P. (2007) – Representação do bom professor na perspectiva dos alunos de arquivologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Vol. 12, nº 2, p. 158-167. Maio/ago. 2007.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENOVIS, M. B. P. Os direitos humanos na história. In: *Construção coletiva: Contribuições à Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

LIMA, M. E. C.de C; GERALDI, C. M. G; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**: Belo Horizonte. V 31. N. 01. p.17-44|Jan. /Mar. 2015

MACIEL, K. de F. Pensamento de Paulo Freire na Trajetória da Educação Popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. ED. 2009 São Paulo: Cortez, 2009. 215 p.

MELLO, G. N. de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98-110, jan./mar. 2000.

OLIVEIRA, D. C.; FISCHER, F. M.; MARTINS; I. S.; TEIXEIRA, L. R.; SÁ, C. P. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal: 245-258.2001.

PEREIRA, T. I. Entre o Medo que Reproduz e a Coragem que Transforma: o papel das ciências sociais no cursinho popular. Revista Eletrônica "Fórum Paulo Freire". Ano 1, v. 1. Agosto 2005.

SANTOS, S. M. M.; DUBOC, M. J. O. Profissionalidade: Saberes e Autonomia Docente. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa: v7, n 2, p. 105-124, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: polêmicas do nosso tempo. 32ª Ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1999. 99 p.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 156 p.

SIQUEIRA, D. C. T. Relação professor-aluno: uma revisão crítica. *Revista Integração Ensino Pesquisa Extensão*, 97-101. São Paulo: Cortez, 2004.

VERRANGIA, D. Os cursos pré-vestibulares populares enquanto espaços educativos e de formação docente: algumas reflexões. *Cadernos CIMEAC*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 5-23, 2013.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

APÊNDICE A: Realização dos Grupos Focais com alunos do Projeto Novo Vestibular

